RÉGINE PERNOUD

JOANA D'ARC

A mulher forte

Paulinas

8574-0

Joana d'Arc. Uma carreira de dois anos. Dois anos em uma época marcada pela Guerra dos Cem Anos. Não há, sem dúvida, personalidade do séc. XV sobre quem estejamos melhor e mais abundantemente documentados. Esta pequena biografia de Joana d'Arc é constituída quase que exclusivamente de testemunhos de seu tempo. Ela permite precisar os quadros pessoal, político, militar, jurídico, religioso e literário nos quais Joana se situa.

Régine Pernoud, historiadora, autora de cerca de trinta obras, cuja maioria se tornou clássica, é a pessoa mais abalizada para evocar, com fervor, o itinerário de uma das figuras mais surpreendentes de toda a História.

08574.0
Joana D'Arc
Paulinas
Preço R$ 14,80

Coleção
TESTEMUNHAS
Série Santos

ISBN 85-7311-342-1

Paulinas

Agradecemos ao *Centro Joana d'Arc* ter-nos concedido o direito de uso de uma boa parte dos documentos que ilustram esta obra (p. 18, p. 52, p. 66, p. 76, p. 82, p. 96, p. 109, p. 114, p. 129). Para as páginas 52, foto de Jean Vigne; 150, clichê da Cinemateca Francesa, Gaumont, 154, ADAGP, Paris, 1990.

RÉGINE PERNOUD

JOANA D'ARC

A mulher forte

Paulinas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pernoud, Régine
Joana D'Arc, a mulher forte / Régine Pernoud; [tradução Jairo Veloso Vargas]. — São Paulo: Paulinas, 1996. — (Coleção testemunhas. Série santos).

1. Joana D'Arc, Santa, 1412-1431 I. Título.

96-0032 CDD-282.92

Índices para catálogo sistemático:

1. Santos: Igreja Católica: biografia 282.92

Título original da obra
PETITE VIE DE JEANNE D'ARC
© Desclée de Bouwer, Paris, 1990.

Tradução: *Jairo Veloso Vargas*
Revisão de texto: *Sandra Trabucco Valenzuela*
Capa: *David de Oliveira Lemes*

4ª edição – 2004

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Pedro de Toledo, 164
04039-000 – São Paulo – SP (Brasil)
Tel.: (11) 2125-3549 – Fax: (11) 2125-3548
http://www.paulinas.org.br – editora@paulinas.org.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 1996

Prefácio

Todos conhecemos a história de *Joana d'Arc*. Ela é tão conhecida, que muitos acreditam tudo saber sobre ela antes mesmo de havê-la estudado. Não basta porventura ter freqüentado a escola primária ou ter lido um manual de História para estar informado sobre ela?

Sobre ela foram escritas inúmeras obras, e quase não passa um ano sem que apareçam novas. É preciso, no entanto, fazer uma escolha acertada, porque, precisamente a história de Joana, em sua simplicidade, levanta, para todos os que a evocam, uma infinidade de questões. Quando estabelecíamos o programa de ordenamento para o *Centre Jeanne-d'Arc d'Orléans (Centro Joana d'Arc de Orléans)*, descobrimos que, para tratar conjuntamente de todas as questões que poderiam ser levantadas, seria necessário prevermos os quadros pessoal (origens, família, ascendência etc.), político (as circunstâncias de sua presença), militar (liderou combates), jurídico (enfrentou julgamentos), religioso (o Tri-

bunal da Inquisição)[1] e literário (sua presença na História suscitou uma infinidade de poemas, crônicas, peças teatrais, filmes, sem falar em obras de erudição e de história propriamente dita).

Tudo isso em função de uma carreira de apenas dois anos. Dois anos! Dentro de um período caracterizado pela Guerra dos Cem Anos...[2]

Fica, ainda, alguma coisa que escapa à informática: a emoção diante dessa mo-

1. Tribunal da Inquisição — Antigo tribunal eclesiástico, conhecido também por "Tribunal do Santo Ofício", e estabelecido pela Santa Sé em alguns países para conhecer os crimes contra a fé e para procurar e extirpar os hereges, os judeus e os infiéis. Inquisidor é o juiz do Tribunal da Inquisição.

2. Guerra dos Cem Anos — (1337-1453) — Conflito que envolveu as monarquias francesa e inglesa por questões de domínio territorial. A causa imediata foi a ascensão de Felipe VI ao trono da França, enquanto Eduardo III, da Inglaterra, pretendia ser o herdeiro autêntico das duas monarquias. O conflito compreendeu quatro fases, com sucesso alternado de ingleses e franceses. A quarta fase (1428-1453) iniciou-se com o cerco de Orléans, pelos ingleses, e foi o período das vitórias de Joana d'Arc, que animaram os franceses a se reorganizarem, de forma a vencerem definitivamente o inimigo, em cujo poder, depois de 1453, só restou a cidade de Calais, porto no Canal da Mancha, que só voltaria aos franceses em 1558.

cinha que, aos 17 anos, conquistou vitórias decisivas, mudando a face da Europa, e morreu queimada viva aos 19 anos e a singularidade de uma vocação que, obstinadamente, se recusou a atribuir a si mesma quaisquer glórias ou méritos, creditando tudo a Deus. Para essas questões, nenhuma resposta, a não ser a que se abre para o infinito sempre presente na liberdade humana.

O que é surpreendente é o número de autores e de obras que, a propósito de *Joana d'Arc*, viram as costas à História. Ora, não há personagem, pelo menos no século XV, sobre a qual estejamos melhor e mais abundantemente documentados. Ela assombrou seus contemporâneos do mesmo modo que nos assombra, donde as inúmeras crônicas, as memórias, as cartas que dela falam. Acima de tudo, julgando-a, Pierre Cauchon e os demais universitários, colaborando com o invasor inglês, não poderiam supor que nos preparavam o mais inquestionável documento da História: o texto do processo de condenação (1431), com suas perguntas e as respostas de Joana, testemunho sobre sua personalidade mais convincente que o preparado por seus adversários, determinados a levá-la à fogueira. Dezoito anos mais tarde, quando

o rei da França Carlos VII,[3] conseguiu expulsar o inimigo de Rouen,[4] abriu-se outro processo, o "de reabilitação": foram interrogados todos os que conheceram a heroína para verificar se sua condenação como herética havia sido, ou não, justa; 115 testemunhas depuseram, contaram suas lembranças, falaram o que sabiam dela: magnífica fonte, que nos dá "diretamente" a impressão que ela causava.

Lá está a História, nos documentos contemporâneos, não nas curtas inteligên-

3. — Carlos VII, rei da França, quinto filho de Carlos VI, o Bem-Amado, e de Isabel da Baviera (1403-1461). Sem espírito de iniciativa, deixou que os cortesãos ficassem a discutir para onde deveriam fugir, enquanto os Ingleses estavam sitiando Orléans. A chegada de Joana d'Arc a Chinon, em fevereiro de 1429, arrancou-o da inércia; depois de hesitar, consentiu que ela se pusesse à frente das realizações que culminaram com a libertação de Orléans e sua sagração régia em Reims, em julho de 1429. Tendo caído Joana d'Arc nas mãos dos ingleses, nada fez para libertá-la. No entanto, mais tarde, em 1456, conseguiu da Santa Sé a reabertura do Processo de Reabilitação de Joana d'Arc. Mereceu o cognome de o Bem-Servido.

4. — Rouen — Cidade e Capital do Departamento do Sena Inferior, Norte da França, à margem direita do rio Sena. Construída em época pré-romana, foi Capital da Normandia durante a Idade Média e esteve em poder dos Ingleses de 1418 a 1449.

cias de romancistas frustrados, que, incapazes de criar personagens com estrutura concisa — nem todos se chamam Balzac[5] ou Dumas[6] — pregam a etiqueta "*Joana d'Arc*" no pobre manequim que eles imaginaram.

A *Pequena biografia de Joana d'Arc* que apresentamos é composta quase que exclusivamente de testemunhos do tempo. Cabe a cada leitor, colocado em face da História, fazer uma idéia pessoal dessa jovem sublime e singular.

5. — Honoré de Balzac — (1799-1850) — Um dos mais expressivos romancistas franceses de todos os tempos, foi um grande mestre na arte de pintar, não só os costumes de seu tempo, como também tipos humanos. Seus grandes romances, como O Pai **Goriot**, **A Mulher de Trinta Anos** e outros muitos, compõem o que se conhece, desde 1842, como A **Comédia Humana**, em que o Autor distribui suas obras em "Estudos de costumes, filosóficos e analíticos".

6. — Alexandre Dumas — (1803-1870) — Teatrólogo e romancista da maior importância para a Literatura Romântica Francesa. Foi o primeiro teatrólogo a ter encenada, na França, uma peça romântica: **Henri III et sa Cour (Henrique III e sua Corte)**. Romances como O **Conde de Monte Cristo** e, sobretudo, **Os Três Mosqueteiros** são o exemplo marcante de sua presença, não só na Literatura Francesa, como também na Universal.

1. "Em minha terra, chamavam-me Joaninha"

A aldeia onde nasceu *Joana d'Arc*, Domrémy,[7] situa-se "lá para as bandas de Lorraine", isto é, na fronteira do Barrois,[8] e é essa província, então quase independente, que motivou o subtítulo do famoso poema de François Villon:[9] "Joana, a boa Lorenesa".

As fronteiras, é verdade, estavam ainda um pouco indefinidas quando nasceu

7. Domrémy — aldeia do Departamento de Vosges, NE da França, às margens do rio Meuse.

8. Barrois — antiga região da França. A parte ocidental foi anexada à França por Felipe, o Belo; a oriental ficou com a Lorena, somente integrando-se à França em 1766.

9. François Villon — (1431-?) — Personagem de vida tumultuada, foi o criador da verdadeira poesia como eco da alma e tradução sincera, eloqüente e fiel das emoções pessoais do poeta e dos sentimentos generosos da humanidade. Cantou em versos a morte e as pessoas que ela ceifou, pobres moças ou grandes damas de passadas épocas, como "a rainha Blanca, como uma flor de lis, que cantava com voz de sereia; Bertha, a das grandes caminhadas; Joana, a boa Lorenesa, que os Ingleses queimaram em Rouen".

Joana, muito provavelmente em 1411, ou talvez 1412, e, segundo a tradição, na noite da Epifania, isto é, no dia 6 de janeiro. Quando de seu interrogatório em Rouen, Joana, após haver declarado que diria voluntariamente, sob juramento, tudo o que dizia respeito a seu pai e a sua mãe, afirmou: "Meu pai chamava-se Jacques d'Arc e minha mãe, Isabel". Mais tarde, no decorrer do processo, que recebeu em definitivo o nome de "processo de reabilitação", diversas testemunhas interrogadas em Domrémy atestaram também suas origens, seu nascimento, seu batismo. Entre outros, seu padrinho Jean Moreau, um camponês de Geux, aldeia muito próxima de Domrémy, onde ficava a igreja principal que reunia as duas paróquias, afirmou: "Joaninha foi batizada na igreja de Saint-Rémy, paróquia da região. Seu pai chamava-se Jacques d'Arc, e sua mãe, Isabel, ambos viviam de seu trabalho em Domrémy (...). Eram bons e fiéis católicos, bons trabalhadores, de boa reputação e prosa honesta (...). Eu até fui um dos padrinhos de Joana".

Assim, os moradores de Domrémy foram interrogados durante o mês de janeiro de 1456 a respeito de Joana, que já era conhecida, então, no mundo todo; eles a

conheceram e viveram a seu lado por 16 ou 17 anos, ou seja, durante a maior parte da existência de "Joaninha", falecida aos 19 anos. Esperava-se ouvir deles a evocação de alguns traços que permitissem pressentir a prodigiosa vocação de Joana. Ela era batalhadora? Um "falso rapaz"? De uma vivacidade inquietante?

Decepção. Para os moradores de Domrémy, "Joaninha" era "como as outras". "Ela trabalhava voluntariamente, cuidando dos animais de seu pai, fiando e fazendo trabalhos domésticos" — declarou Colin, um de seus companheiros de infância. "Enquanto ela morou em companhia do pai, arava e, freqüentemente, cuidava dos animais nos campos e fazia atividades próprias de mulher, como fiar e tudo o mais" — disse seu padrinho. "A casa de meu pai era quase ao lado da de Joaninha — contou sua amiga Marguerite Mengette — e eu conhecia 'Joaninha, a Donzela', pois, muitas vezes, eu fiava em sua companhia e fazia com ela os demais serviços domésticos, durante o dia ou à noite". Outra amiga sua, bastante conhecida através dos poemas de Péguy,[10] Hauviette, foi pre-

10. Charles Péguy — (1873-1914) — Socialista ardente, depois polemista inflamado, cristão con-

cisa: "Joana era uma moça boa, simples e afável. Ela freqüentemente ia à igreja e aos lugares sagrados (...). Ela se ocupava, como as demais mocinhas, fazendo os trabalhos da casa e fiando, e, algumas vezes, como eu mesma vi, cuidava dos rebanhos de seu pai". Um traço notado por todos: "Joana gostava de ir à igreja e freqüentava os lugares sagrados". Foi o que disse também um de seus companheiros, Michel Lebuin. E com ele, todos confirmaram sua piedade: "Joana era de boa conduta, devota, paciente; gostava de ir à igreja e de confessar-se; dava esmolas aos pobres sempre que podia".

Ao longo das declarações, uma expressão apareceu constantemente: "gostava de". "Ela gostava de cuidar dos animais, de ir à igreja e aos lugares sagrados, de dar o que tinha por amor a Deus... Gos-

victo, soldado heróico (morreu em setembro de 1914, à frente de uma Companhia de Infantaria na I Grande Guerra), concebeu sua obra literária como um apostolado. Suas obras traduzem quase sempre o arrebatamento de sua fé religiosa. Nascido em Orléans, desde a infância ficou fascinado por Joana d'Arc, sobre quem escreveu, em 1896, um "drama", no qual a heroína é uma camponesa inspirada que o povo adota e impõe ao rei.

tava. Gostava". Disso tudo resulta um dinamismo e transparece uma alegria que parecem ter caracterizado Joana por toda a sua existência.

Quanto aos fatos que afligiam toda a região, chega-nos também um eco. Até nas regiões fronteiriças sentia-se, efetivamente, a divisão entre Armagnacs e Borgonheses,[11] sendo que os últimos, acompanhando seu duque, tomaram o partido do invasor inglês. A França era, então, um país

11. Partido popular de oposição à facção dos Armagnacs. Eram essas as duas facções em que se dividira a França durante a Guerra dos Cem Anos, de forma mais precisa, durante os reinados de Carlos VI e de Carlos VII. A facção dos Armagnacs era aristocrática, representando a nobreza feudal e o patriciado urbano. Os borgonheses, à frente dos quais estava João Sem Medo, aliaram-se aos Ingleses, enquanto os Armagnacs o fizeram ao rei da França. Com o assassinato do Duque de Orléans, em 1407, por adeptos do duque de Borgonha, a violência atingiu o máximo. Aos poucos os Borgonheses foram pendendo mais e mais para o lado dos Ingleses, até que João Sem Medo, após a batalha de Azincourt, oficializou a adesão. Bernardo VII de Armagnacs tornara-se Condestável da França. A paz entre Borgonheses e Armagnacs só veio a acontecer com o Tratado de Arras, em 1435, entre Felipe o Bom, duque de Borgonha, e Carlos VII, rei da França.

conquistado, da Normandia[12] até o Loire,[13] desde 1415 (Joana tinha três anos) quando aconteceu o desastre de Azincourt,[14] noite da França, quando o rei da Inglaterra, Henrique V, retomando a política de seu pai (que destronou e mandou matar o último descendente legítimo dos Plantegenêts,[15]

12. Normandia — Região do NO da França, cuja Capital é Rouen, onde foi processada e queimada Joana d'Arc.

13. Loire — Departamento do SE da região central da França, formado pela antiga Província de Lyonnais. Também nome do mais extenso rio da França (aproximadamente 1020km), que nasce no Departamento de Arlèche, ao Sul do Departamento de Loire.

14. Azincourt — Aldeia do Departamento de Calais, N da França, cenário da vitória de Henrique V, da Inglaterra, sobre as forças francesas, em que ficou demonstrada a eficiência e a eficácia dos arqueiros ingleses contra a organização pesada do exército medieval. Os Ingleses perderam apenas 1600 homens, enquanto os Franceses, 10000.

15. Plantegenêts — Nome pelo qual são conhecidos os descendentes de Godofredo, conde de Anjou, e da Imperatriz Matilda. Derivado do apelido que o conde de Anjou possuía, por usar em seu quepe uma hastezinha de giesta, esse nome foi usado por seus descendentes diretos Henrique II, Ricardo I, João Sem Terra, Henrique III, Eduardo I, Eduardo II, Eduardo III, Ricardo II e pelos seus descendentes das Casas de Lancaster e de York até a morte de Ricardo III, em 1485.

Ricardo II),[16] que travava, na França batalhas que pudessem trazer vitórias convenientes à consolidação de seu trono, aproveitando-se, para isso, da confusão de um país, cujo soberano, Carlos VI,[17] havia enlouquecido, o que suscitava em volta dele toda a sorte de ambições e rivalidades, com as quais jogavam os duques de Borgonha[18] contra os príncipes de Orléans, que já haviam provocado o assassinato do príncipe Luís d'Orléans, irmão do rei, em 23 de novembro de 1407, com o punhal de assassi-

16. Ricardo II — (1367-1400) — Rei da Inglaterra. Filho de Eduardo, o Príncipe Negro, tornou-se rei quando a Inglaterra sofria as conseqüências da peste negra, da guerra contra a França e do desastroso governo de Eduardo III, seu avô. Para um tratado de paz com a França, incluiu seu casamento com Isabel, filha de Carlos VI. Foi, depois, obrigado a renunciar ao trono em favor de Henrique IV e morreu na prisão do Castelo de Pontefract.

17. Carlos VI — (1368-1422) — Rei da França. Filho primogênito de Carlos V e Joana de Bourbon. Data de seu reinado o costume de dar-se o título de Delfim ao príncipe herdeiro do trono da França. Foi cognominado o Bem Amado.

18. Borgonha — Antiga região da França, com nome originado dos burgúndios, povo germânico que se instalou originalmente a Leste da Gália, no vale do Reno, e a Oeste da Suíça, em princípios do século V. A região chegou a ter três capitais a um só tempo: Genebra, Viena e Lyon.

nos pagos por seu primo João Sem Medo. À época da invasão, João Sem Medo havia tomado o partido dos ingleses, enquanto os partidários da casa da França se rea-

Pode-se imaginar assim Joana fiando a lã ao lado de seu pai. Gravura esculpida em madeira ilustrando as *Vigiles du roi Charles VII*, 1493 (BN, ms. français).

grupavam sob a bandeira dos Armagnacs. O acordo dos Armagnacs realçou a fidelidade e o apoio constante que a França Meridional, que permaneceu fiel à dinastia legítima, oporia aos invasores.

E, se ninguém em Domrémy poderia imaginar que lutas sangrentas seriam, algum dia, encarnadas e conduzidas por "Joaninha", pelo menos sentiam-se, nessas regiões longínquas, as repercussões da guerra: os moradores de Domrémy em geral haviam assumido o partido do rei da França, enquanto os de Maxey, aldeia próxima, sentiam-se "Borgonheses", o que prova que, até nos menores povoados, a cisão entre franceses era profunda. Surgiam freqüentemente brigas das quais se saía "muitas vezes bastante ferido e ensangüentado".

Aliás, episódios guerreiros é que não faltavam, e a própria Joana, com 14 ou 15 anos, depois do que aconteceu em 1428[19] foi levada no êxodo dos moradores de Domrémy e da aldeia próxima dos Greux até a cidade fortificada mais próxima, a de

19. 1428 — Ano do encontro de Joana com Robert de Baudricourt, Capitão de Vaucouleurs, a quem fala de suas "vozes".

Neufchâteau,[20] onde todos se entregavam apressadamente, pois soube-se que a poderosa fortaleza de Vaucouleurs,[21] cujo capitão, Robert de Baudricourt, que lutava ao lado do rei da França, estava para ser cercada pelo governador da Champanha,[22] financiado pelo duque de Borgonha, Antoine de Vergy. "Todos os moradores de Domrémy fugiram" — disse uma testemunha, Dominique Jacob, vigário de uma paróquia vizinha: "homens armados chegaram a Neufchâteau, entre eles *Joana d'Arc*, com seu pai e sua mãe, e sempre em sua companhia".

Isso ocorreu na aprazível paisagem da "Meuse adormecida", cuja calma só era interrompida pelas brincadeiras dos jovens da região, na primavera, quando a neve já

20. Neufchâteau — Localidade a NO do Departamento dos Vosges, Leste da França, situada perto de Épinal.

21. Vaucouleurs — Localidade no Departamento de Mosa, França, situada às margens do rio Mosa, nas proximidades de Nancy. Aí começa a história bélica de Joana d'Arc.

22. Champanha — Região do NE da França, limitando-se ao Norte com os Países Baixos, foi, nos tempos medievais, importante condado francês. Durante a I Guerra Mundial foi palco de sangrentas batalhas em 1915-17-18, especialmente na região montanhosa de Reims.

parara de cair e as árvores reverdeciam. No quarto domingo da Quaresma, quando se cantava *Laetare Jerusalem*[23] ("Alegrai-vos, Jerusalém") com a chegada das festas pascais, moças e rapazes iam dançar e cantar debaixo de uma bela árvore chamada a "Árvore das Damas" ou "Árvore das Fadas", levando consigo pães e nozes e indo beber a uma fonte, a fonte dos Rains, cuja água, dizia-se, curava. Tratava-se de uma festa tradicional, cujas origens remontam a tradições muito antigas.

Parece que Joaninha, apesar da sua alegria pessoal que a levava a fazer tudo de que gostava, participava o menos possível dessas brincadeiras inocentes. "Nesses folguedos, eu mais cantei que dancei" — disse ela, após uma evocação, cheia de frescor e poesia, das brincadeiras primaveris de sua terra.

Embora sua infância tenha sido "como as outras", aconteceu um fato que ela própria contou com toda a simplicidade: "Quando eu tinha mais ou menos 13 anos, ouvi a voz de Deus que veio para ajudar-me a me governar. Na primeira vez, tive muito medo. E veio essa voz, no verão, no jardim de meu pai, por volta do meio-dia

23. "Alegrai-vos, Jerusalém".

(...). Eu ouvi a voz do lado direito, quando ia para a igreja. É raro que eu a ouça sem que haja uma luminosidade. Essa luminosidade vinha do mesmo lado de onde a voz era ouvida. Comumente havia uma grande luminosidade (...). Depois que eu ouvi essa voz três vezes, percebi que era a voz de um anjo (...). Ela me ensinou a me conduzir bem e a freqüentar a igreja. Ela me disse que era necessário que eu, Joana, viesse à França..." Às perguntas que lhe faziam, ela respondia em seguida: "Na primeira vez, tive dúvidas se era São Miguel que vinha a mim, e nessa primeira vez tive muito medo. E eu o vi, depois, muitas vezes, até saber que era São Miguel... Antes de tudo, ele me dizia que eu era uma boa menina e que Deus me ajudaria. Entre outras coisas, disse-me para eu vir em socorro do rei da França... O anjo me falava da piedade que existia no reino da França".

"Por volta dos 13 anos", relembrou ela, foi que ocorreu o primeiro apelo. A primeira visão ocorreu, em 1424 ou 1425. Ela a manteve em segredo até o ano de 1428, quando, não tendo mais o que esconder, encontrara em Vaucouleurs o capitão Robert de Baudricourt, defendendo obstinadamente sua fortaleza em nome do rei da França.

E Joana acrescentou que, logo após ter ouvido a "voz", "prometeu manter sua virgindade enquanto a Deus aprouvesse". Resposta espontânea ao chamado de Deus: ela permanecera virgem, autônoma, não dependendo de ninguém, a não ser do próprio Deus. Era a resposta, através dos tempos, da virgem consagrada, desde a Igreja primitiva, quando Inês, Cecília e Anastácia preferiram expor-se à espada do carrasco ou aos dentes dos animais no anfiteatro a trair o dom inteiro feito a Deus em suas pessoas, porque se sabiam chamadas.

Dentre os familiares de Joana, um teve o pressentimento de seu destino singular: seu pai. "Minha mãe me disse várias vezes — declarou ela — que meu pai lhe contara haver sonhado que eu, Joana, sua filha, haveria de ir-me com pessoas armadas (...). Também ouvi de minha mãe que meu pai dizia a meus irmãos: 'Na verdade, se eu soubesse que meus receios se concretizariam para minha filha, eu preferiria que vocês a afogassem. E se vocês não o fizessem, eu mesmo o faria'." Jacques d'Arc não poderia interpretar este sonho premonitório de outro modo a não ser no pior sentido: sua filha Joana seguiria a carreira das armas. O pai e a mãe devem ter ficado

satisfeitos ao saber que sua Joaninha tinha sido pedida em casamento por um pretendente; este, porém, ficou furioso por se ver preterido e a denunciou ao oficial de Toul,[24] afirmando que ela havia prometido casar-se com ele, o que, à época, era considerado um compromisso sério. Este foi apenas mais um episódio passageiro que não deixou grandes marcas no espírito de Joana: "Foi ele quem me fez comparecer diante do juiz, e lá eu jurei dizer a verdade. E o juiz, finalmente, compreendeu que eu não havia feito promessa alguma a esse homem".

Joana era uma moça como as outras: capaz de inspirar amor, mas decidida quanto a si mesma a não se entregar a ninguém. O chamado que ela ouviu consagrou-a exclusivamente ao serviço de Deus.

24. Toul — Cidade próxima a Nancy. Tornou-se Sé Episcopal no século IV, privilégio que perdeu na época de Napoleão.

2. "Quando vim para a França, passaram a chamar-me Joana"

Chegou o tempo das provações. Joaninha torna-se Joana e, para nós, *Joana d'Arc*. Seus contemporâneos, por sua vez, chamavam-na "Joana, a Donzela".

Para ser aceita, Joana passa por toda sorte de dificuldades — bem compreensíveis, aliás: há uma distância enorme entre a camponesa que era e a incrível vocação para a qual era chamada.

O primeiro homem a quem ela tem de convencer é Robert de Baudricourt, que assume a defesa da fortaleza de Vaucouleurs — aquela mesma fortaleza que suportou, sem sucesso, os ataques dos Borgonheses em 1428. Robert teve de tomar a decisão de não atacar as forças anglo-borgonhesas para que a cidade fosse preservada: uma espécie de declaração de neutralidade, graças à qual Antoine de Vergy concordou em retirar suas tropas.

É bastante provável que Joana tenha vindo encontrar-se com Baudricourt antes desse programado combate. Isso é confirmado por Bertrand de Poulengy, pequeno

proprietário das redondezas, escudeiro do rei da França: "Joana, a Donzela — diz ele — veio a Vaucouleurs por ocasião da Ascensão do Senhor, ao que me parece. Nessa ocasião eu a vi conversar com Robert de Baudricourt, que era, então, o capitão da cidade. Ela dizia que havia chegado até ele, Robert, da parte de seu Senhor para notificar o delfim (futuro Carlos VII) de que ele se comportasse bem e não guerreasse contra seus inimigos porque o Senhor o socorreria antes do meio da Quaresma".

Para chegar a Vaucouleurs, Joana recorrera a um primo por aliança, Durand Laxart, que morava em Burey-le-Petit, aldeia próxima à cidade-fortaleza. Sob o pretexto de ajudar a mulher de seu primo, que estava para dar à luz, Joana ficou algum tempo na casa de Durand e revelou-lhe seus propósitos. O primeiro encontro com Robert terminaria mal. Ele recomendara que a moça fosse mandada de volta a seus pais após dar-lhe umas boas palmadas. Ocorreu, em seguida o ataque a Vaucouleurs, e no final desse mesmo ano de 1428, ou durante os primeiros dias de 1429, Joana retoma ousadamente, sempre graças à cumplicidade de Durand, a encontrar Baudricourt. Somente na terceira tentativa ele se deixa convencer. Nesse

entretempo, Joana conseguira persuadir, em favor de sua causa, os moradores de Vaucouleurs. "Estes — conta-nos Durand Laxart — compraram para ela vestes de homem, calções, polainas,[25] e tudo o mais que lhe era necessário. Eu próprio e Jacques-Alain de Vaucouleurs compramos-lhe um cavalo por doze francos, por nossa própria conta." Joana conseguiu hospedagem em Vaucouleurs na casa de Henri Le Royer (o fabricante de carroças) e sua mulher Catherine. Esta guardou vivas recordações do convívio com Joana: "Ela ficou em minha casa por três semanas e então pediu ao senhor Robert de Baudricourt que a levasse à presença do rei (...). Ele tinha ouvido dizer que existia uma profecia segundo a qual a França estaria perdida por uma mulher e seria restaurada por uma virgem lá das bandas de Lorraine. Lembrei-me de ter ouvido aquilo e fiquei estupefata. Depois disso, acreditei em suas palavras e, comigo, muitas outras pessoas".

Essa mesma Joaninha que, em Domrémy, fazia "tudo como as outras", apre-

25. Polaina — Peça geralmente de pano ou couro que se veste por cima das meias (e dos sapatos) e cobre parte da perna, entre o pé e o joelho, abotoando-se ou afivelando-se do lado de fora.

goava, obstinadamente, sua missão e pedia que a conduzissem àquele que ela chamava de "delfim". Um senhor, amigo de Baudricourt, Aubert d'Ourches, impressionou-se muito com a personalidade de Joana: "Essa donzela, ao que me parece, era dotada de bons costumes. Eu bem que gostaria de ter tido uma filha assim (...). Essa donzela falava muito bem". Outras pessoas foram também conquistadas pela insistência e a firme convicção de Joana, como Jean de Metz, escudeiro do rei: "Quando Joana, a Donzela, chegou a Vaucouleurs, eu a vi vestida com roupas pobres, vestes de mulher, vermelhas... Chamei-a, dizendo-lhe: 'Minha amiga, o que você faz aqui? Não é preciso que o rei seja afastado do trono e nós nos tornemos ingleses?' E a Donzela me respondeu: 'Eu vim aqui para pedir a Robert de Baudricourt que me conduza ou faça-me conduzir ao rei, mas ele não presta atenção nem em mim nem em minhas palavras. E então, como estamos no meio da Quaresma, é necessário que eu esteja junto do rei, mesmo que eu tenha que gastar os pés até os joelhos. Com efeito, não há ninguém no mundo, nem rei, nem duque, nem a filha do rei da Escócia ou outra pessoa qual-

quer que possa recuperar o reino da França. Não haverá socorro senão o meu; embora eu tivesse preferido ter ficado fiando junto de minha pobre mãe, pois essa era a minha situação. Mas é necessário que eu vá e faça isso, porque meu Senhor quer que eu aja assim'. Eu lhe perguntei quem era seu senhor. Ela me respondeu que era Deus. E então, eu, Jean, que testemunho aqui, prometi à Donzela, apertando sua mão em sinal de confiança, que, com a ajuda de Deus, eu a levaria ao rei. Perguntei-lhe quando ela queria partir. Ela respondeu: 'Agora mesmo, que amanhã pode ser tarde'. Então perguntei se ela queria ir com suas vestes. Ela afirmou que preferia ir com vestes de homem. Eu, então, lhe dei vestes e calções de um de meus empregados para que ela as vestisse".

Desse modo, criou-se em volta de Joana toda uma aura de solidariedade. Ela conseguiu convencer, um a um, todos aqueles a quem ela se dirigia. E, finalmente, Robert de Baudricourt também ficara encantado com ela. Até o próprio Duque de Lorraine, em sua cidade de Nancy,[26]

26. Nancy — Cidade e Capital do Departamento de Meurthe-e-Mosela, a NE da França. Capital da antiga Lorena e palco de uma batalha memorável

ouvira falar dela. Ele pensava que fosse uma curandeira e enviou-lhe "salvo-conduto"[27] para que ela fosse vê-lo, pois ele estava, naqueles dias, gravemente enfermo. Joana, porém, não tinha vindo para operar milagres e, sim, para responder ao apelo de Deus, que dela não esperava nenhuma ação milagrosa; tudo o que ela viesse a fazer seria executado naturalmente, por sua própria força. Ela se limitava a exortar o duque a um melhor comportamento (ele havia trocado sua esposa por uma jovem com a qual havia tido cinco filhos bastardos)[28] e, aproveitando-se da oportunidade, perguntou-lhe se seu genro não viria em socorro do delfim. Depois disso, ela recolhera prontamente as rédeas de seu cavalo e retornara a Vaucouleurs, sempre escoltada pelo fiel Durand Laxart.

em que Renato, duque de Lorena, venceu Carlos, o Temerário, duque de Borgonha, em 1477.

27. Salvo-conduto — Permissão por escrito que se dá a alguém para ir a qualquer lugar e poder aí demorar-se ou sair de lá com segurança de não ser preso ou detido; licença que um chefe de exército ou autoridade militar concede a alguém para passar livremente por postos militares.

28. Bastardo — Diz-se do filho que não nasceu de matrimônio legal.

Lá chegando, ela constatou que o ambiente estava mudado. Todos falavam dela na pequena cidade. O próprio Robert estava tomado de uma segurança muito grande e uma vontade insistente de ir até o rei; tomou uma última precaução: mandou exorcizá-la.[29] Fez-se acompanhar de um padre convenientemente usando estola[30] e munido de água benta. Joana aproximou-se do padre e pôs-se de joelhos: era o sinal que o padre esperava; todos se tranqüilizaram. Baudricourt concordou em deixá-la partir com uma pequena escolta, aliás, espontaneamente constituída por Jean de Metz e Jean de Honnecourt, seu criado, Bertrand de Poulengy e Julian, seu criado, um mensageiro do reino, Colet de Vienne, habituado a viajar e conhecedor dos atalhos e dos perigos, e um certo Richard l'Archer. Robert acompanhou a pequena escolta até a entrada da França, quando despediu-se da estranha moça, que havia

29. Exorcizar — Exorcismo é cerimônia religiosa com que a Igreja pretende, por meio de preces e esconjuros, expulsar demônios e maus espíritos.

30. Estola — Paramento sacerdotal, que consiste em uma tira de seda, ou outro tecido nobre, mais larga nos extremos do que no meio, e que os sacerdotes colocam por sobre a túnica.

sido motivo não só de seus sarcasmos mas também de suas perplexidades: "Vai, vai, e seja o que Deus quiser!"

Cerca de 600 quilômetros a percorrer, em uma região em que ingleses e borgonheses (o que vinha a dar no mesmo) estavam por toda a parte, e seus soldados detinham as cidades e patrulhavam os campos: uma verdadeira proeza! Entretanto, para Joana, esta poderia não ser a prova mais difícil: cavalgar com esses seis homens, ela, a pequena camponesa que nunca até então havia deixado sua aldeia, iria experimentar o perigoso teste do dia-a-dia.

Jean de Metz e Bertrand de Poulengy confidenciaram, mais tarde, a Marguerite La Thouroulde, esposa de Régnier de Bouligny, um conselheiro do rei, seus testemunhos de um bom senso e uma clareza extraordinários. Marguerite, com quem Joana hospedou-se em Bourges por pouco mais de três semanas, nos relata: "Os que a conduziram ao rei achavam-na, sobretudo, presunçosa e tinham a intenção de colocá-la à prova. Mas, quando se puseram a caminho para levá-la, prontificaram-se a fazer tudo o que agradasse a ela; eles desejavam tanto quanto ela apresentá-la ao rei. E eles não teriam podido resistir à

vontade de Joana. Eles disseram que, no início, desejaram-na fisicamente. No momento, porém, em que eles quiseram falar-lhe disso, sentiram uma vergonha tão grande que não mais ousaram tocar no assunto. Eles mesmos descreveram os sentimentos que os agitaram: 'Eu estava bastante estimulado por sua linguagem — conta Bertrand de Poulengy — pois parecia que ela era enviada de Deus, e jamais vislumbrei nela qualquer maldade. Ao contrário, portava-se sempre como uma moça tão virtuosa que parecia uma santa...' Jean de Metz, por sua vez: 'Durante a viagem, Bertrand e eu deitávamos ambos com ela, e a Donzela deitava-se a meu lado, conservando o gibão e os calções. E eu, eu a temia tanto que jamais ousaria desejá-la. Eu digo sob juramento que jamais a toquei com desejo físico' ".

A cavalgada durara onze dias. Ela mantivera a prudência. "Nós tínhamos medo dos soldados borgonheses e ingleses que dominavam as estradas e, no primeiro dia, caminhamos à noite para sair da região." Joana tinha um desejo de ordem pessoal: "Ela nos dizia freqüentemente: 'Se pudermos assistir a uma missa, faremos bem". Mas era necessário cavalgar, a des-

peito de todas as ansiedades que havia pelo caminho, e eles não puderam assistir à missa mais que duas vezes durante a viagem. A primeira vez foi em Auxerre,[31] quando já haviam cumprido a maior parte do trajeto, e depois em Sainte-Catherine-de-Fierbois, quando se encontraram em terra amiga, em território fiel ao rei da França. Nessa altura, as provações já estavam quase terminadas. Joana ditou, então, uma carta ao próprio delfim, pedindo-lhe que a recebesse. O texto dessa carta não nos é conhecido. Provavelmente Colet de Vienne, em sua função de mensageiro do reino, deve ter-se encarregado de levar a carta a Chinon[32] o mais rápido possível. Enquanto isso, os demais companheiros devem ter aproveitado para descansar um pouco. A própria Joana declara que, uma vez, em

31. Auxerre — Cidade e Capital do Departamento de Yonne. Cedida ao duque de Borgonha, pelo Tratado de Arras, passou à coroa da França, com Luís XI. Aí foi assinada a "Paz de Auxerre", entre Borgonheses e Armagnacs, em 1412, e realizada a reconciliação entre Carlos VII e Felipe o Bom, duque de Borgonha.

32. Chinon — Cidade do Departamento do Indre-et-Loire, às margens do rio Viena, a NO da região central da França. Durante algum tempo esteve sob o domínio dos Ingleses.

Sainte-Catherine-de-Fierbois, assistiu a três missas, o que faz supor que ela ai teria permanecido mais tempo que nos outros lugares.

É necessário, porém, que se mencione aqui todos os absurdos que se tem escrito ou filmado a respeito da chegada de Joana a Chinon. O mais grosseiro, porque não leva em conta a verdade histórica e inverte a ordem dos fatos, é o do cenário criado por Pierre Moinot para o filme baseado no romance *Le Pouvoir et l'Inocence (O Poder e a Inocência)*. Mudando completamente a situação, o romancista indica que o próprio rei, o futuro Carlos VII, mandara vir Joana a Chinon. Ela fica, então, muito indecisa quanto ao que deve fazer, mas um fradezinho — visivelmente inspirado nas facécias de um Umberto Eco (*O Nome da Rosa* e outros) — lhe confia missão e a sacraliza, com o que se pode chamar de um anel mágico que lhe coloca no dedo e que permitirá a Joana lembrar-se, sob juramento, de que ela foi enviada pelos frades para amaldiçoar os bispos! Por isso, o rei Carlos VII, que é apresentado como um débil mental e indiferente, decide fazer vir essa jovem de sua Domrémy natal. Com efeito, sua sogra Yolande d'Aragon (aqui o

empréstimo é feito das teses de Philippe Erlanger, bem entendido) lhe assegura que essa moça teria todos os poderes do mundo se realmente fosse donzela... Efetivamente, Joana, embarcada na aventura do arbítrio ou da força (ela teria gostado mais de visitar as cidades por onde passara!), escapa de uma emboscada armada no caminho pelo perverso La Trémoille. Por quê? Porque simplesmente a virgindade lhe confere o dom do milagre. O mais risível é que, após a chegada de Joana a Chinon, a própria Yolande, rainha da Sicile, vai conferir sua virgindade! Teríamos calado esta inverossímil coleção de erros de todo tipo se o filme, exibido na televisão francesa, não tivesse (e nós nos demos conta disso) confundido alguns telespectadores. Este é um exemplo típico desses romancistas que se acovardam diante da deformação das personagens históricas, culpa da imaginação ou precaução com uma publicidade facilitada quando se rotula uma personagem fabricada com a etiqueta "*Joana d'Arc*".

Essa não é a primeira deformação pela qual passou a personagem e, com certeza, não será a última. É até curioso observar a esse respeito o mal que se causa por não

se aceitar a verdade tal qual ela é. É evidente que essa partida de Joana para uma missão que contrasta tão violentamente com sua condição de camponesa gera um problema inicial, e não é menos exato que esse problema se apresenta como o expuseram as testemunhas da época até agora citadas.

É desnecessário dizer que o rei, seu séquito e, em geral, todos os contemporâneos, de qualquer opinião, estatuto social ou credo que fossem, ficassem tão surpresos quanto nós ao saberem que a Donzela "se prostrava diante do nobre delfim para fazê-lo levantar-se do trono de Orléans e conduzi-lo a Reims para que fosse sagrado". O rumor que circulava, depois da chegada de Joana ao território "Armagnac", era o de sua união à coroa da França. Esse rumor, que se propagou com uma rapidez assustadora, é o mesmo que chegou a Jean le Bâtard, defensor de Orléans.

Querendo consolidar sua conquista, os ingleses, no mês de outubro de 1428, cercaram a cidade de Orléans, porta de entrada do Loire e, portanto, das regiões do Além-Loire, onde estava refugiado o pretendente ao trono, Carlos VII, que, por zombaria, era chamado o rei de Bourges. O

Loire não oferece senão dois pontos adequados para uma invasão procedente da Normandia ou da Ilha da França: Angers[33] e Orléans. O "regente da França", Jean, duque de Bedford[34] (título recebido em 1422, com a morte do rei Henrique V, que só deixara como herdeiro um bebê de dez meses mais ou menos, o futuro Henrique VI), teria preferido que a armada se dirigisse para o sul, por Angers, pois assim ele anexaria o ducado de Anjou,[35] cuja conquista não havia terminado. No entanto, Orléans oferecia uma situação estratégica muito superior: uma vez tomada a cidade, marcharia sem dificuldades sobre Bourges

33. Angers — Cidade e Capital do Departamento de Maine-et-Loire, no Oeste da França, às margens do rio Maine. Invadida pelos Ingleses nos séculos XII e XV, foi sede de vários concílios e conferências políticas no decorrer de sua história.

34. Jean Plantagenêt, duque de Bedford — Regente da França (1389-1435). Durante o reinado de Henrique V, participou da conquista da França, distinguindo-se especialmente depois da morte do rei, quando se tornou Regente da França, indicado pelo próprio Henrique V em seu testamento. A grande mácula de seu caráter foi a execução de Joana d'Arc em 1431.

35. Anjou — Histórica região situada no NO da França. Condado, mais tarde, ducado, foi definitivamente anexada à coroa da França por Luis XI em 1480.

e, de lá, rumo à Guyenne,[36] que era inglesa por herança e na qual os suseranos ingleses somente deviam vassalagem ao rei da França.

O alerta dos conselheiros militares prevaleceu e, desde 12 de outubro de 1428, o cerco estava empreendido, com os ingleses apoderando-se da principal fortificação que defendia a ponte da margem esquerda do Loire, chamada de "as Tourelles", até que investissem contra todas as portas da cidade propriamente dita, das quais apenas uma deveria permanecer livre, a "Porta de Borgonha", situada a leste de Orléans. Ninguém duvidava que o cerco de Orléans levaria ao mesmo resultado que o cerco de Rouen, que, desde 1418, havia colocado a Normandia sob o jugo do rei da Inglaterra. Talvez as más notícias procedentes do Loire tivessem influenciado a decisão de Baudricourt, que via nisso, como todos, o ato final da conquista inglesa. Nada ocorria sem provocar alguma indignação, pois o senhor natural de Orléans, Carlos, o poeta, tinha

36. Guyenne — Antiga região do SO da França. Era ducado perto dos rios Garona e Dordonha, pertencente à divisão da Aquitânia. Foi restabelecida como ducado depois de ter sido recuperada pela coroa francesa, dos Ingleses, no fim da Guerra dos Cem Anos.

sido feito prisioneiro em Azincourt. Ora, os costumes da cavalaria — é verdade, bastante minimizados depois de mais ou menos dois séculos — exigiam que se poupasse a cidade cujo senhor estivesse prisioneiro do inimigo. Foi Jean, irmão natural[37] de Carlos (filho de Luís de Orléans, através de uma ligação com Mariette d'Anghien), quem viera defender o feudo orleanês. Segundo a tradição, ele é o "Bastardo de Orléans", inclusive assinando assim suas cartas.

Finalmente Joana, tendo atravessado o Loire em Gien, chega a Chinon. Quando exatamente? A resposta é discutível. De fato, sabe-se apenas que a cavalgada, depois de Vaucouleurs, durou onze dias. A partida ocorreu, segundo Jean de Metz, "lá pelo domingo dos Buréis", isto é, no primeiro domingo da Quaresma que, no ano de 1429, caíra em 12 de fevereiro. A maior parte dos historiadores situa a chegada de Joana a Chinon em 6 de março. No entanto, o erudito Pierre Boissonnade registra a data de 23 de fevereiro, indicada por um certo escrivão de La Rochelle, o qual parece haver registrado no próprio dia a data

37. Irmão natural — Irmão por parte de pai, gerado e nascido fora do matrimônio legal; bastardo.

do acontecimento. Pouco tempo depois, foi escrita uma crônica, narrando os fatos desde setembro de 1429. Porém, é importante registrar que várias datas anotadas por esse escrivão são inexatas, oscilando entre 25 de fevereiro e 6 de março de 1429 o encontro de Joana com o rei.

"Aí cheguei (a Chinon) por volta do meio-dia — declara a própria Joana — e me alojei em uma hospedaria. Após o almoço, fui ter com meu rei, que estava no castelo." Entretanto, parece que entre sua chegada e sua recepção — atestam-no numerosas testemunhas presentes à entrevista — algum tempo decorreu. Joana, por essas palavras indica a que horas ocorreu sua chegada e, após um certo tempo que ela não especifica, sua entrevista com o rei no castelo.

Na mesma ocasião da carta de Joana ao rei, um mensageiro lhe trouxera uma carta de Robert de Baudricourt, colocando-a a par de ditos, feitos e gestos do rei. Parece que o rei pediu conselho a seu séquito e que a opinião geral era a de que, no ponto em que estavam as coisas, ele poderia afinal receber essa moça desconhecida, que se dizia enviada por Deus.

"Eram altas horas", no testemunho de Joana, quando ela foi autorizada a dirigir-se à grande sala do castelo de Chinon, onde o rei havia reunido às pressas seus conselheiros, cavaleiros que se encontravam no castelo, os prelados[38] que ele havia conseguido juntar e toda uma multidão que, sem dúvida, teriam intimidado uma pessoa menos decidida que Joana e menos segura de sua missão. Comentou-se — logo após o encontro, já que o cronista oficial do rei, Jean Chartier, assim o relatou — que o rei estava em conluio com os membros da corte e teria tentado induzir ao erro a pequena "pastorinha", apontando-lhe, como rei, um de seus familiares, o que não impediu Joana de dobrar os joelhos diante dele, passando-lhe a mensagem para a qual tinha vindo: "Muito nobre senhor delfim, aqui estou, tendo sido enviada por Deus, para trazer socorro para vós e vosso reino".

Um dos testemunhos mais fiéis, e talvez o mais exato, foi o de Jean Pasquerel, um eremita[39] de Santo Agostinho, que não

38. Prelado — Título honorífico privativo de certas dignidades eclesiásticas, tais como bispos, arcebispos, chefes de comunidades religiosas etc.

39. Eremita — Religioso que vive solitário no deserto ou no ermo.

estava presente ao encontro de Joana com o rei (como foi representado no filme anteriormente citado, através de um franciscano, que se fizera o próprio autor da missão de Joana!). Na realidade, Jean Pasquerel existiu e tornou-se o confessor de Joana quando ela o reencontrou, um pouco mais tarde, em Tours,[40] onde ficava seu convento; daí para a frente, ele deve tê-la acompanhado e assistido em todas as suas campanhas até o momento em que ela foi feita prisioneira. Ele, com certeza, ouviu suas confidências e relembra as palavras dirigidas por Joana ao rei nesta versão: "Gentil delfim, chamo-me Joana, a Donzela, e o Rei dos céus, por meu intermédio, comunica-vos que sereis sagrado e coroado na cidade de Reims e sereis o lugar-tenente do Rei dos céus, que é o rei da França". E tendo-lhe o rei perguntado novamente, Joana lhe disse: "Eu vos digo, da parte do meu Senhor, que vós sois o verdadeiro herdeiro da França e filho do rei". Pairavam

40. Tours — Cidade e Capital do Departamento de Indre-et-Loire, NO da região central da França. Destacou-se sob o domínio dos romanos e tornou-se, posteriormente, importante centro industrial de seda. Foi sede do governo francês de setembro a dezembro de 1870, durante o cerco de Paris na Guerra Franco-Prussiana.

certas dúvidas quanto à legitimidade de *Carlos* como herdeiro do trono. Após sete anos (seu pai, *Carlos* VI, morrera em 1422), ele reivindicava seu reino, que lhe escapava visivelmente dia após dia. "Ouvindo isso — prossegue Jean Pasquerel — o rei diz aos assistentes que Joana lhe havia revelado certos segredos que ninguém conhecia, nem poderia conhecer, senão Deus. É que ele depositava toda a confiança nela. Tudo isso — acrescenta — eu ouvi da boca de Joana, pois eu não estava ali presente." Conforme vários outros depoimentos, o rei "teria ficado radiante" com o que ouvira de Joana.

Qual teria sido o segredo revelado por Joana ao rei? É evidente que os especuladores têm tirado partido do fato. O cúmulo do absurdo foi, evidentemente, pretender que Joana, naquelas circunstâncias, ter-se-ia revelado como a irmã bastarda de *Carlos* VII!

Sabe-se que essa tese ridícula surgiu no início do século XIX, pela imaginação de um subprefeito que se considerava dramaturgo e que havia escrito uma peça de teatro na qual *Joana d'Arc* era apresentada como filha bastarda de Isabel da Baviera

e de Luis de Orleans!* Um rei que duvidava de sua legitimidade, tranqüilizado por uma bastarda — difícil imaginar situação mais ridícula! Joana foi repetidamente interrogada por seus juízes de Rouen a respeito do que ela dissera ao rei; contudo, jamais obtiveram dela qualquer resposta: "Vós não ouvireis isso de minha boca" — declarou-lhes. Joana excluiu expressamente do juramento que prestou no início dos interrogatórios o teor das revelações que ela fez ao rei *Carlos* VII sobre a natureza de suas palavras. Tudo o que se sabe sobre o assunto é uma única e vaga indicação, procedente de uma confidência do senhor de Boissy, Guillaume Goufier, o camareiro do rei. Em sua velhice, o rei ter-lhe-ia confiado que, no tempo em que se encontrava abalado mentalmente, ele havia, um dia, sozinho diante de seu oratório, suplicado a Deus que se dignasse, se ele fosse o verdadeiro herdeiro da casa da França, "guardá-lo e defendê-lo... e lhe dar a graça de viver em liberdade e segurança na Es-

* Trata-se de um chamado Caze, subprefeito de Bergerac; a tese foi sustentada por vários autores e refutada por todos os historiadores. Pode-se consultar a esse respeito a obra de Yann Grandeau, *Jeanne insultée. Le procès en diffamation*. Paris: Albin-Michel, 1973.

panha ou na Escócia, junto a antigos companheiros de armas e aliados dos reis da França". Supõe-se que a Donzela ter-lhe-ia revelado essa prece, que ela não poderia conhecer senão por inspiração divina.

Esse lampejo de alegria em um semblante carregado como o do rei foi seguido de uma decisão imediata: desde a manhã do dia seguinte, com efeito, Joana, que fora convidada a hospedar-se no próprio castelo, percebera que o rei desejava acompanhá-la a Poitiers[41] para submetê-la a exame por padres e mestres da Universidade de Paris, concentrados em "zona livre": tratava-se daqueles que, pouco numerosos dentre os universitários, não se deixavam comprar pelo invasor. Desde o começo da ocupação inglesa, a Universidade havia-se tornado o principal sustentáculo do invasor, o duque de Borgonha, cujos feitos e atitudes ela havia sempre aprovado — a começar pelo assassinato

41. Poitiers — Cidade e Capital do Departamento de Vienne, O da região central da França. Uma das mais antigas cidades do país, esteve repetidas vezes sob o domínio inglês, principalmente durante a Guerra dos Cem Anos. Uma das grandes batalhas dessa guerra foi a em que os Ingleses, comandados por Eduardo, o Príncipe Negro, venceram os Franceses, chefiados por seu rei, João II, em 1356.

do duque de Orléans por seu primo, João Sem Medo, a quem um universitário famoso, mestre Jean Petit, dirigira um discurso, procurando demonstrar que esse assassinato havia sido para o bem do reino...

O rei, seus mais íntimos conselheiros e, com eles, Joana deixaram, então, o castelo de Chinon três ou quatro dias mais tarde e entraram na cidade de Poitiers, onde Joana, durante três semanas, ou menos, submeteu-se a um verdadeiro "processo". Tratou-se de sondar as intenções e, quando preciso, o subconsciente dessa moça que, acima de tudo, não poderia ser senão uma iluminada; ou, pior ainda, um agente do inimigo. Joana hospedou-se na casa de um advogado do rei, que em outros tempos fora do Parlamento de Paris, mestre Jean Rabateau. Algumas mulheres foram sigilosamente designadas para acompanhar seus passos e observar seu comportamento quando Joana estivesse só; enquanto isso, repetidas vezes Joana submetia-se às perguntas que lhe faziam mestres e prelados. Um deles, Seguin Seguin, dominicano e professor de teologia, declarou em 1456 que se lembrava perfeitamente das perguntas que lhe fizera e das respostas de Joana: "Eu lhe perguntei que linguagem falava sua

'voz'. Ela me respondeu: 'Melhor que a vossa'. Eu — explica ele humildemente — falava como 'peão'. E novamente perguntei-lhe se ela acreditava em Deus. Ela me respondeu: 'Sim, mais que vós' ".

Assim, pode-se dizer que a jovem camponesa não se deixava desconcertar diante desses mestres eminentes. A resposta-chave, ela a dá ao mestre Guillaume Aimeri, também dominicano: "Tu disseste que a 'voz' te havia dito que Deus queria livrar o povo francês das calamidades em que se encontrava. Se ele quisesse salvá-lo, não haveria necessidade de homens armados". Então, Joana respondeu: "Em nome de Deus, os homens de armas batalharão, e Deus lhes dará a vitória". Com essa resposta, mestre Guillaume deu-se por satisfeito. Era marcar de modo genial o ponto de partida entre a ação divina e nossa humilde ação, já que somos "a vergôntea[42] da vinha", como diz o Evangelho, e que devemos, como toda boa vara, deixar fluir a uva que a vinha quer produzir em nosso benefício.

Seguin Seguin, porém, ficara muito impressionado com quatro pontos sobre os

42. Vergôntea — Vara tenra, ramo de árvore; haste; (Fig.) prole, descendente de tenra idade.

quais Joana demonstrara um certo empenho: "Ela disse que os ingleses logo seriam derrotados, que o cerco da cidade de Orléans seria levantado e a cidade ficaria livre deles (...). Ela disse também que o rei seria sagrado em Reims (...). Em terceiro lugar, que a cidade de Paris retornaria ao domínio do rei e, por fim, que o duque de Orléans retornaria da Inglaterra. Tudo isso — concluía o velho dominicano — eu vi acontecer".

Infelizmente para a História, quase só nos resta esse seu depoimento para evocar, de modo bastante vivo é verdade, o primeiro processo a que Joana foi submetida em Poitiers, em março de 1429. Segundo os costumes da época, tudo ficou devidamente registrado. Mais de uma vez, desde o processo de Rouen, Joana fez referência a isso: "Está no livro de Poitiers — dizia ela sobre certas perguntas, quando seus juízes insistiam — isso está escrito em Poitiers". É provável, entretanto, que apenas um exemplar tenha sido preparado e que o mesmo tenha desaparecido. Acusou-se até o pobre Regnault de Chartres, arcebispo de Reims, que presidia os interrogatórios, de tê-lo destruído quando Joana foi feita prisioneira. Tal procedimento esta-

ria bem de acordo com sua personalidade, considerando-se o fato de que ele mudara de opinião em mais de uma oportunidade. A destruição do livro foi uma considerável perda, pois, naquele momento, as perguntas foram feitas por pessoas de boa-fé, e Joana não hesitava, diante delas, em responder com toda a desenvoltura, ao contrário da situação de Rouen, dois anos mais tarde, em 1431. Desse livro, possuímos apenas o texto das conclusões remetidas pelos doutores de Poitiers ao rei, afirmando "nela nada encontrar-se de mal, somente o bem, a humildade, a virgindade, a devoção, a honestidade, a simplicidade".

Em Poitiers Joana foi submetida ao exame de virgindade, sob o controle de duas senhoras que faziam parte do séquito de Yolande d'Aragon: Jeanne de Preuilly, senhora de Gaucourt, e Jeanne de Mortemer, senhora de Trêves. O que motivou esse exame foi Joana fazer-se chamar "a Donzela", "a Pucela", isto é, a virgem. Se, no entanto, tivesse sido constatado que ela não o fosse, teria sido acusada de mentirosa e perderia toda a confiança que nela se pudesse depositar. É inútil fazer conjecturas, como o fizeram certos universitários, que acreditavam estar ela envolvida com bru-

xaria, sendo as bruxas, parece, consideradas compactuadas com o diabo! É preciso lembrar que a ciência dos sábios doutores vai buscar bem longe explicações enganosas sobre certas questões, aliás, bastante simples: se Joana não fosse virgem, ela teria sido vista apenas como uma "mulher de soldados".

A passagem de Joana por Poitiers fez dela uma pessoa em quem se poderia depositar confiança a ponto de colocá-la à frente de um exército, por mais estranho que pudesse parecer.

"Joana com o estandarte". Miniatura do século XV (museu de História da França, Arquivos Nacionais).

3. *"Levem-me a Orleáns, e eu lhes mostrarei o sinal pelo qual fui enviada"*

A chegada de Joana a Chinon, a decisão de submetê-la a provas e considerá-la "chefe guerreira" determinaram grande movimentação junto ao rei da França e seus partidários, abatidos até então pela sucessão implacável de derrotas — sendo a última a do famoso "dia das sardinhas": o ataque a um simples comboio de abastecimento em 12 de fevereiro de 1429, foi um verdadeiro desastre que beirou as raias do ridículo, com as forças francesas e o batalhão escocês, que tinha vindo ajuntar-se a elas, abatidos por um punhado de ingleses que escoltavam o comboio, e tudo provocado pela indisciplina no combate, resultando o Bastardo de Orléans ferido logo na primeira investida. Instalou-se desde então uma verdadeira psicose de derrota, e os burgueses de Orléans enviaram uma delegação ao duque de Borgonha, pedindo-lhe que poupasse sua cidade, cada vez mais castigada pela fome. O duque — era então Felipe, o Bom — limitou-se a retirar seu contingente da tropa dos sitiadores, mas

nunca se soube a natureza ou a quantidade de forças que ele retirara, e a continuidade do sítio não parece ter sido perturbada em quase nada.

O delfim — é assim que Joana o chama e afirma que não o chamará de "rei" enquanto não houver sido sagrado na cidade de Reims, como seus antepassados — acordou de sua apatia, e sua sogra, Yolande d'Aragon, decidiu participar do esforço de financiamento do plano. Reune-se, então, uma tropa da qual Joana será comandante: o rei lhe nomeia um subcomandante, Jean d'Aulon, dois pagens, Louis de Coutes, que já havia trabalhado para ela no castelo de Chinon, e um outro chamado Raymond, e, o mais importante, dois arautos[43] e mensageiros, chamados Guyenne e Ambleville. Foi atribuída a Joana uma função de superior, parecida com as dos dias de hoje, com direito a secretário e condução própria.

43. Arauto — Oficial que, nas monarquias da Idade Média, ia declarar guerra a potências estrangeiras, ou que era encarregado das publicações solenes e de diversas funções nas cerimônias públicas; núncio, pregoeiro, proclamador; nas monarquias modernas, dignitário da corte que serve de pregoeiro nas cerimônias de casamento e da aclamação dos reis.

Quando estava sendo interrogada em Poitiers, Joana, em sua impaciência para agir, dizia aos que lhe pediam "um sinal de sua proposta": "Em nome de Deus, eu não vim a Poitiers para provar nada; levem-me a Orléans, e eu lhes mostrarei os sinais para os quais fui enviada". Entretanto, como Orléans estava sitiada e não poderia ser alcançada senão com uma tropa militar, Joana foi imediatamente levada a Tours, onde se equipou militarmente: foram confeccionados "trajes adequados para ela", ou seja, uma armadura sob medida. Ainda hoje existe na cidade a "rua do armeiro", em homenagem ao homem incumbido da tarefa. Joana, por iniciativa própria, mandou fazer, naquela oportunidade, um estandarte[44] e uma bandeira. A descrição do estandarte é bastante conhecida: a figura de Nosso Senhor assentado, em Julgamento, nas nuvens, abençoando um anjo, que carrega nas mãos uma "flor de lis", emblema dos reis da França.[45]

Assim o descreve a própria Joana, detalhando que ele havia sido feito de "bran-

44. Estandarte — Bandeira militar dos Corpos de Cavalaria.

45. Flor-de-lis — Planta amarilidácea. Antigo emblema heráldico dos reis da França.

co bocaxim", isto é, de tecido resistente de cor branca. É com esse estandarte nas mãos que ela mais tarde atacaria: "Eu tomava nas mãos o estandarte quando íamos atacar para que eu não matasse ninguém. Jamais matei alguém". Joana declarou também que gostava muito mais "de seu estandarte que de sua espada".

Joana teve também uma espada, e essa espada tem sua história. De fato, estando em Tours, Joana mandou buscar em Sainte-Catherine-de-Fierbois uma espada, explicando que a encontrariam enterrada atrás do altar. De fato, "a espada fora encontrada, os prelados do lugar, fizeram-na polir, e logo a ferrugem desprendeu-se sem dificuldades. Essa espada estava marcada com cinco cruzes". Era essa espada que Joana levava quando da libertação de Orléans. Os moradores de Tours mandaram fazer para essa espada duas bainhas: "Uma de veludo vermelho e outra de tecido dourado, e eu — acrescenta Joana — mandei fazer outra de couro bem resistente".

A finalidade da bandeira, todavia, era exclusivamente religiosa. Ela trazia "a imagem de Nosso Senhor crucificado" e, ao seu redor, "duas vezes ao dia, pela manhã e à tarde, Joana fazia com que se juntas-

sem todos os padres e, uma vez reunidos, cantavam antífonas[46] e hinos a Santa Maria, e Joana permanecia com eles. Ela não permitia que os soldados se aproximassem dos padres se eles não se confessassem, e ela exortava a todos a se confessarem para que pudessem participar da cerimônia". Temos disso o testemunho de Jean Pasquerel, o Irmão Agostiniano, que reencontrou Joana em Tours. Ele voltava, então, de Puy,[47] onde se encontrara com um grupo de peregrinos, entre os quais a mãe de Joana, Isabelle Romée. Vale lembrar que essa peregrinação a Puy era muito famosa entre os católicos: ela ocorria sempre que a Sexta-Feira Santa caía em 25 de março, dia da Anunciação.[48] Foi o caso do ano de

46. Antífona — Versículo que o "chantre" (dignidade eclesiástica que, em uma sé ou em um colegiado tem a direção do coro) entoa, em todo ou em parte, antes de um Salmo ou um canto bíblico, e depois se repete em coro.

47. Puy (Puy-de-Dôme) — Departamento da região central da França, cuja Capital é Clermond-Ferrand. É território montanhoso, onde fica o ponto culminante do interior da França, o monte Puy-de-Saucy, com 1886 m.

48. Anunciação — Mensagem do Anjo Gabriel à Virgem Maria, anunciando-lhe o mistério da Encarnação; festa da Igreja em memória desse mistério, realizada em 25 de março. É uma festa muito antiga.

1429. Isabel Romée havia insistido para que esse "bom padre", que tão boa impressão lhe causara, procurasse Joana quando estivesse em Tours, pois soubera que sua filha fora conduzida para lá. Assim, os esforços de Pierre Moinot são em vão, ao insistir na hipótese de ter sido essa a primeira vez que Jean Pasquerel vira Joana.

Quanto ao comportamento de Joana entre os soldados, fala-nos um deles, Gobert Thibault: "Joana era boa cristã; gostava de assistir à missa todo dia e freqüentemente comungava. Ela se irritava bastante quando ouvia alguém blasfemar (...). Na tropa, ela estava sempre com os soldados, e eu ouvi dizer dos mais próximos a ela que jamais eles a tinham desejado fisicamente, isto é, algumas vezes já tinham tido vontade de possuí-la, mas jamais ousaram se deixar levar, acreditando que não era possível querê-la; freqüentemente, quando conversavam sobre o pecado da carne e proferiam palavras que pudessem excitar-lhes a voluptuosidade, quando a viam e se aproximavam dela, não mais conseguiam conversar sobre o assunto e até sua 'vontade' acabava. Conversei sobre isso com vários dos que, muitas vezes, passaram a noite em companhia de Joana, e eles me res-

ponderam o que eu disse, acrescentando que jamais haviam tido desejo carnal de possuí-la quando a viam". Em outra oportunidade, o mesmo Gobert Thibault afirmou que os soldados que passavam a fazer parte do grupo de Joana tinham consciência de que uma espécie de poder emanava dela; em sua presença, os homens se viam obrigados a dominar seus instintos.

Esse testemunho pode ser completado com o de Margherite La Touroulde, que disse, comentando a passagem de Joana por sua casa na volta da sagração, em Bourges: "ela esteve dormindo, bebendo e comendo durante três semanas em minha casa; quase todo dia eu dormia com ela e nada vi ou percebi nela que pudesse provocar suspeita. Ela se conduziu e se conduzia como uma mulher honesta e católica, pois confessava-se freqüentemente, gostava de assistir à missa e muitas vezes me pediu para ir com ela às matinas[49] e, porque me pedia, eu ia, tendo-a acompanha-

49. Matinas — Primeira e mais importante parte do ofício divino. Em outros tempos, chamavam-se "vigílias" ou "ofício noturno", pois constituem uma lembrança de quando os fiéis se preparavam para as festas litúrgicas, passando a noite em oração. Várias ordens religiosas conservam o hábito de cantar as matinas durante a noite.

do com freqüência. Às vezes — acrescenta — conversávamos, e eu lhe dizia que, sem dúvida nenhuma, ela não precisava ter medo de lutar, pois bem sabia que não seria morta. Ela respondia que não tinha maior segurança do que qualquer outro combatente

(...). Várias vezes, eu a vi no banho ou na sauna, e pelo que pude observar, acredito que era virgem, e tudo quanto sei é que ela era inteiramente inocente". A isso se acrescente um traço de humor: "Várias mulheres vinham a mim enquanto Joana aqui estava e traziam rosários e outros objetos de piedade para que ela os tocasse, o que a fazia rir, e ela me dizia: 'Toque-os você mesma, eles serão tão beneficiados com o seu toque quanto com o meu!' ".

Os preparativos foram organizados rapidamente, a tropa real estava pronta e concentrada em Blois[50] antes do final daquele mês de abril. Como os ingleses ocupavam o Loire (recorde-se que eles imediatamente se apoderaram da fortaleza das Tourelles

50. Blois — Cidade e Capital do Distrito de Blois, Departamento de Loire-et-Cher, Norte da França, às margens do Loire, perto de Orléans. Lá, em 1429, foi benzido, na igreja de São Salvador, o estandarte de Joana d'Arc.

na margem esquerda, para melhor investir contra a cidade e separá-la da margem ainda francesa), a conselho dos capitães, Joana preferiu fazer as tropas atravessarem o rio e encaminhá-las para a Sologne. Apenas os víveres e equipamentos diversos seriam transportados de barco até Orléans. A maioria desses barcos deveria, aliás, ultrapassar Orléans, ou permanecer à deriva à mercê das correntes do rio.

Para Joana, que ardia de vontade de entrar em ação e iniciar o combate, imagina-se que todos esses cuidados e demoras deveriam ser exasperantes. Eis que na tarde de sexta-feira, 29 de abril de 1429, ela vê de longe Orléans cercada, logo quando chegou à aldeia de Chécy. Um homem a aguardava na margem e Joana o abordou sem cerimônia:

— Sois o Bastardo de Orléans? — perguntou Joana.

— Sim, sou eu e alegro-me com sua chegada.

— Fostes vós que aconselhastes a que eu aqui viesse por esse lado do rio e não seguisse pela direita onde estão Talbot (o capitão inglês) e os ingleses?

Sem dúvida, um pouco surpreso com essa abordagem abrupta, o Bastardo res-

pondeu: "Eu próprio e outros mais sábios demos esse conselho, acreditando estarmos fazendo o que havia de melhor e mais seguro".

— "Em nome de Deus — respondeu Joana — o conselho do Senhor Nosso Deus é mais sábio e mais seguro que o dos senhores. Acreditaram terem-me enganado, mas os enganados foram os senhores, pois eu lhes trago melhor segurança que a que pode vir de algum soldado ou de alguma cidade, que é a segurança do Rei dos Céus."

Descrevendo a cena, Jean, o senhor de Dunois, lembra que, no momento exato desse diálogo um tanto áspero, "o vento, que estava contrário e impedia que os barcos, nos quais iam os víveres para Orléans, subissem o rio, mudou e tornou-se favorável... Após aquele momento, passei a ter muita confiança em Joana, mais ainda do que tinha antes".

Era de extrema importância esse comboio de víveres, pois a cidade já começava a sentir as agruras da fome. O Bastardo, feliz com essa mudança que facilitava as operações, pediu então a Joana que atravessasse o Loire com ele e entrasse na cidade de Orléans, onde ela estava sendo ardorosamente esperada. "Então — diz ele

— Joana veio comigo, levando na mão seu estandarte, que era branco e sobre o qual havia uma imagem de Nosso Senhor com uma 'flor-de-lis' na mão. Ela atravessou comigo e com o guerreiro 'La Hire'[51] o rio Loire, e entramos juntos em Orléans." "La Hire" ocupou um lugar de destaque ao lado de Joana em toda a epopéia militar que se seguira. Trata-se de um senhor sulino, Étienne de Vignolles, que deixou reputação de coragem, apimentada com uma certa truculência e também com uma fidelidade sem limites à heroína, que ele defendeu desde o primeiro momento.

Joana naquela tarde, entrou na cidade, onde muito se falava dela, após conhecer-se a esperança que ela prometeu: esperança de libertação, fundamental para as pessoas que sofriam o cerco desde o outubro precedente e já podiam pensavam que sua sorte seria semelhante à dos habitantes da cidade de Rouen, reduzida pela fome

51. "La Hire" — guerreiro francês (1390-1444). A serviço do delfim, futuro Carlos VII, assediou Alençon e pôs em fuga o conde de Salisbury. Tornou-se um dos mais fiéis companheiros de Joana d'Arc. Aprisionado pelos Ingleses em Louviers, em 1431, o rei o resgatou. Foi guerreiro atuante, tendo acompanhado Carlos VII na expedição à Guyenne.

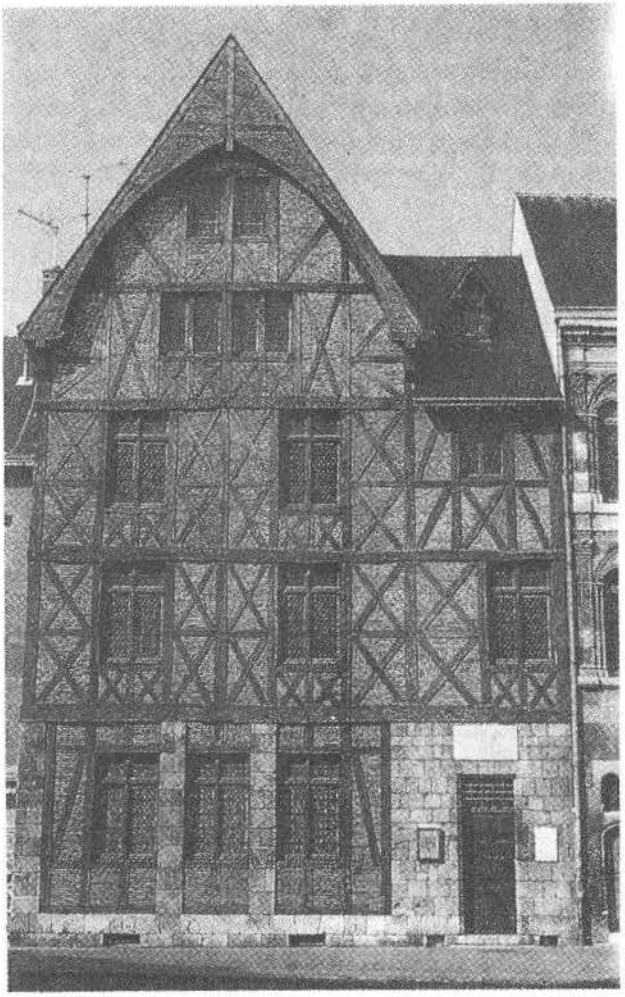
à capitulação, onze anos antes. "Vieram recebê-la guerreiros, burgueses e burguesas de Orléans, carregando grande número de tochas e demonstrando tanta alegria como se tivessem visto Deus descer no meio deles; e não sem motivo, pois eles estavam vivendo incontáveis aborrecimentos, dificuldades e sofrimentos e tinham muito medo de não serem socorridos e perder tudo, a vida e os bens. Eles, porém, já se sentiam bastante reconfortados e como que libertos pela graça divina que se dizia estar naquela singela donzela que homens, mulheres e crianças contemplavam muito afetuosamente; era uma multidão maravilhosa, comprimida para tocá-la, ou pelo menos para tocar o cavalo que ela montava (...). Também acompanharam-na ao longo da cidade, externando imensa alegria; muito honrados, conduziram-na todos até junto da porta Regnard, onde morava Jacques Boucher, tesoureiro do duque de Orléans, onde ela foi recebida com enorme alegria, juntamente com seus dois irmãos e dois outros cavalheiros com seus criados, que tinham vindo com eles da região de Barrois."

Esse texto, publicado por Jules Quicherat, bem como o dos dois processos de

Joana, foram extraídos do *Journal du siège d'Orléans* (*Jornal do cerco de Orléans*) e compõe-se de notas do dia-a-dia, elaboradas, sem dúvida, por um padre de Orléans que viveu os acontecimentos. Ele traz indicações bastante exatas, principalmente sobre as origens de Joana — essa região "Barrois", que se limita com a Lorraine — sobre sua família, lembrando também seus dois irmãos que a ela se juntaram em Tours, ou mais provavelmente em Blois. Joana, ao que se sabe, tinha três irmãos mais velhos, Tiago, Pedro e João. Depois dela, nasceu também uma garotinha chamada Catarina, que morrera cedo; mas Pedro e João tiveram uma vida longa, o mesmo acontecendo com sua mãe, Isabel. Finalmente, a precisão sobre o local de hospedagem de Joana em Orléans, a casa de Jacques Boucher, que atravessara os séculos quase sem reformas, vindo a ser destruída somente com o ataque inimigo de 1940.[52] Com o fim da II Guerra Mundial, porém, André Malraux,[53] Conselheiro de Relações

52. Inimigo de 1940 — Ataque nazista na II Grande Guerra.

53. André Malraux — Escritor e político francês, nascido em Paris em 1901. Após a II Grande Guerra, tornou-se Conselheiro de Relações Públicas de



A "casa de *Joana d'Arc*" em Orléans.

Públicas de De Gaulle, decidiu que a casa deveria ser reconstruída com materiais antigos — o que não era muito difícil, devido à enorme quantidade de materiais encontrados no lugar por ocasião da reconstrução da cidade, que teve toda a sua área central completamente arrasada. O prefeito de Orléans, René Thinat, consagrou, desde 1973, a cidade a uma evocação permanente da vida e das vitórias de Joana, criando o "Centro *Joana d'Arc*", um centro de documentação histórica, que reúne em microfichas e microfilmes a totalidade dos documentos do século XV referentes a *Joana d'Arc,* tendo buscado subsídios tanto nos Arquivos Departamentais e na Biblioteca Municipal de Orléans, quanto em diversos acervos, nos arquivos nacionais, na Biblioteca Nacional, no Museu Britânico de Londres, na Biblioteca de Genebra etc., onde são conservados os originais.*

De Gaulle. Com o general presidente, em junho de 1958, foi nomeado Ministro de Informações. Uma de suas obras mais conhecidas é *La Condition Humaine (A Condição Humana),* de 1933.

* Mais de treze mil documentos ai se encontravam reunidos em 1985, como se fosse uma biblioteca de mais de dez mil volumes. Graças a esse centro, foram elaboradas teses sobre Joana d'Arc, entre as quais a de Gerd Krumeich, publicada com

Essa casa, de estrutura antiga fielmente reconstituída a partir de numerosas fotografias feitas antes da II Guerra, ergue-se hoje na praça Charles De Gaule.[54] Nela, Joana hospedou-se durante sua permanência em Orléans.

É extraordinário que sua presença, mesmo tão curta, tenha feito com que as esperanças dos orleaneses, que se sentiam libertados, ficassem plenamente satisfeitas. É necessário ainda levar em conta que as operações bélicas desejadas por Joana não

o titulo de *Jeanne d'Arc in der Geschichte-Politik-Kultur*, Thorbecke, 1989.

54. Charles de Gaulle — Brilhante militar francês, com destacada presença nas duas Grandes Guerras mundiais deste século. Durante a II, foi membro atuante da Resistência Francesa. Por discordância com membros do governo francês, perdeu a cidadania e passou a morar em Londres. Após o desembarque das forças anglo-americanas na África do Norte, o general desembarcou em Argel, foi nomeado Presidente do Conselho de Defesa (1943) e, a seguir, Presidente único do Comité de Libertação da França, entrou triunfalmente em Paris (22-08-44) e tornou-se Chefe do Governo Provisório da República Francesa. Demitiu-se em 26-01-46, fundou um partido político importante e afastou-se temporariamente da política, a ela retornando somente em 1958, então como Presidente da República.

puderam ser rapidamente desencadeadas, pois era necessário que o grosso da tropa e do abastecimento, concentrado em Blois, fosse transportado para os arredores de Orléans — operação que o Bastardo em pessoa pretendia empreender. Com isso, Joana, tão impaciente para combater, teve ainda de controlar-se por mais quatro dias; não que tivesse ficado inativa, mas suas atividades restringiram-se a observar, das muralhas, as posições inglesas, as fortificações (geralmente formadas por valas escoradas com madeira), e fazer chegar por cima delas uma flecha para que os ingleses lhe mandassem de volta o mensageiro que ela lhes havia enviado, Guyenne, portador da famosa "Carta aos Ingleses", remetida de Poitiers, na quinta-feira, 5 de maio de 1429. Ele havia sido feito prisioneiro, o que contrariava todas as leis da guerra.

Somente na quarta-feira, 4 de maio, o Bastardo regressou com o grosso da tropa e o abastecimento. Encontrou Joana na casa em que estava hospedada e anunciou-lhe que um batalhão inglês, comandado pelo capitão John Falstaff, estava a caminho de Orléans, o que em nada pareceu abalar a convicção de Joana de que o

cerco de Orléans iria ser brevemente levantado.

Na tarde desse mesmo dia, Joana, que havia descansado um pouco, ouviu um grito de guerra. Chamou seu pajem Louis de Coutes, armou-se rapidamente com a ajuda da senhora e da moça da casa e, quando o pajem chegou com o cavalo arreado, mandou-o buscar seu estandarte, que ela havia deixado no andar de cima.

Vale destacar que, por ocasião das cerimônias anuais comemorativas da libertação de Orléans, este gesto se repete: um dos pajens da pessoa escolhida para representar "*Joana d'Arc*" estende-lhe, de uma janela da "Casa de *Joana d'Arc*", o estandarte que ela empunha.*

Naquele fim de tarde da quarta-feira, 4 de maio, véspera da Ascensão, houve efetivamente um confronto no lado sul, na fortaleza de Saint-Loup. Era uma fortificação erguida pelos ingleses em uma ilha do Loire, a ilha de Saint-Loup, destinada a bloquear a antiga via romana que conduzia à

* É de notar também o erro bastante grosseiro cometido no filme de Pierre Moinot, onde o cenário mostra um ataque noturno, o que é, antes de mais nada, risível: ele parece ter-se esquecido de que não se vivia ainda na era da eletricidade!

porta de Borgonha, a única que havia permanecido livre. Essa construção fechou definitivamente a cidade, mas foi tomada, e era a primeira vitória dos franceses desde o início do cerco.

No dia seguinte, dia da Ascensão, feriado religioso, não houve combates. Joana enviou, então, aos ingleses sua última intimação, tão categórica quanto a primeira: "A vós, ingleses, que não tendes direito algum sobre o reino da França, o Rei dos Céus vos ordena e manda, por meu intermédio, eu, Joana, a Donzela, que abandoneis vossas fortalezas e volteis para vosso país, do contrário eu moverei contra vós um ataque tão poderoso que jamais se apagará de vossa memória. Eis o que vos escrevi pela terceira e última vez, e não mais escreverei. Assinado: Jesus Maria, Joana, a Donzela". E a carta apresentava um *post-scriptum*:[55] "Ter-vos-ia enviado minhas cartas honestamente, mas vós estais detendo meus mensageiros, como fizestes com Guyenne. Mandai-o de volta para mim, e eu vos entregarei alguns dos vossos apri-

55. *Post scriptum* — Expressão latina que significa "pós-escrito", "escrito após haver concluído um texto, geralmente carta". A abreviatura comumente usada é P.S.

sionados na fortaleza Saint-Loup, pois nem todos foram mortos".

Na tarde daquele mesmo dia, Joana pediu a Jean Pasquerel, seu capelão, que na manhã seguinte se levantasse bem cedo para que ela se confessasse e assistisse à missa antes do ataque, que ela esperava ser mais bem sucedido dessa vez.

Teve dificuldades, pois havia decidido atacar, sem que estivessem de acordo com isso as autoridades da cidade — especialmente o senhor de Gaucourt. A vitória obtida em Saint-Loup parecia-lhe suficiente, pelo menos por alguns dias. Ele mandou colocar guardas nas portas da cidade, ordenando que ninguém saísse. "Joana, entretanto, não gostou da idéia" — escreve uma testemunha, Simon Charles, um familiar do rei *Carlos* VII. "Ela era de opinião que os soldados deveriam sair com os moradores da cidade e assaltar a casa de campo" (dos Augustins): um convento que havia sido abandonado e estava parcialmente destruído à margem esquerda, mas que fora reconstruído pelos invasores ingleses para melhor garantir sua principal posição, a famosa fortaleza das Tourelles, que protegia o acesso à ponte de Orléans. "Vários soldados e moradores da cidade foram da

mesma opinião." Houve, provavelmente, uma discussão entre Joana e Raoul de Gaucourt, "e, contra a vontade do senhor de Gaucourt, os soldados que estavam na cidade partiram para o ataque, invadindo a casa de campo dos Augustins, a qual tomaram à força". Na seqüência dos acontecimentos, atacaram também a casa de campo conhecida como Saint-Jean-le-Blanc, que ficava na margem esquerda do Loire, no rumo da ilha Saint-Loup e, portanto, no da fortificação tomada na véspera. Quando Joana e seus soldados lá chegaram, encontraram-na desguarnecida: à sua aproximação, "os ingleses, logo que perceberam a chegada dos franceses, e bateram em retirada. Os franceses, sentindo que eles eram poucos para tomar outra casa, voltaram sem fazer nada". Duas pessoas se colocaram à frente para proteger a retirada: a Donzela e "La Hire". Eles, "percebendo os inimigos saírem da casa de campo para investir contra sua gente, os dois, que sempre estavam à frente da tropa, inclinaram suas lanças e imediatamente os primeiros começaram a lançar-se sobre os inimigos, e então todos os seguiram e começaram a lutar com tanto ímpeto que os obrigaram a fugir ou voltar para dentro

da casa. Com muita vontade e grande rapidez, eles atacaram por todos os lados, de tal modo que, em pouco tempo, conquistaram-na e se apoderaram dela (...). E assim, a Donzela e os que com ela estavam, obtiveram expressiva vitória sobre os inimigos naquele dia, e foi conquistada a importante casa, e permaneceram diante dela os senhores e seu povo, com a Donzela, por toda aquela noite". Assim nos relatou Jean d'Aulon, o subcomandante de Joana, que tomou parte no combate.

A ação ocorreu assim: Joana se fez acompanhar de "La Hire" para proteger a retirada; para proteger melhor a retaguarda, os soldados se voltaram para o inimigo, ameaçando-o; com essa estratégia, levaram os inimigos a suspender o ataque, em vez de se retirarem. Foi assim, dominados por um impulso de invencibilidade, que Joana e seus soldados tomaram, naquele dia, de assalto, a importante casa de campo, o convento dos Augustins, que protegia a fortaleza das Tourelles. Feito importante e inesperado, ao ponto de que toda a tropa lá acampou naquela noite, que foi bastante agitada, e na cidade, comemorava-se a grande vitória: e "os moradores de Orléans fizeram grande esforço para levar,

durante a noite toda, pão, vinho e outros víveres aos guerreiros que continham o cerco". Isso ficou anotado nos registros de contas da municipalidade, onde está a relação do número de pães, presuntos e outras vitualhas[56] levadas aos homens do cerco que acampavam naquele local.

Uma vez ainda, Joana deveria sustentar o mais duro de seus combates: contra seus próprios partidários. Seu confessor, Jean Pasquerel, foi testemunha disso: "Após o jantar, veio até Joana um cavaleiro valente e notável, de cujo nome não me recordo. Ele disse a Joana que os capitães e os soldados do rei haviam-se reunido em conselho e concluíram que eles eram poucos diante dos ingleses e que Deus lhes havia concedido a grande graça de haverem obtido vitórias: 'considerando que a cidade está bem abastecida de víveres, poderíamos agora protegê-la à espera de socorro do rei, e não parecia indicado ao conselho que os soldados combatessem no dia seguinte'. Joana respondeu: 'Os senhores tiveram o seu conselho e eu, o meu; e acreditem que o conselho de meu Senhor será cumprido e prevalecerá, enquanto o dos

56. Vitualhas — Víveres, comestíveis, gêneros, provisões de boca.

senhores perecerá'". Diante de soldados que se satisfaziam com a menor vitória conquistada e que, habituados com a derrota, pensavam em parar por aí, ela, Joana, não perdia de vista o objetivo essencial e procurou, ao contrário, aproveitar a vantagem obtida. Os soldados concordaram com ela. Naquela tarde, ela advertiu seu capelão de que seria ferida no dia seguinte, o que de fato aconteceu.

(Joana em combate: miniatura extraída das *Vigílias de Carlos VII*. Crônica de Jean Chartier, colocada em versos por Martial d'Auvergne em 1484 (BN, ms. français 5054).

Na madrugada daquele sábado, 7 de maio, Joana assistira novamente à missa, pois iria retomar o combate, dessa vez contra a fortaleza principal, a das Tourelles, que bloqueava a entrada da ponte e impedia Orléans de comunicar-se com a França do sul, onde estava o rei e de onde viriam os reforços. Como predisse, foi ferida "com uma flechada logo acima do seio e, quando se sentiu ferida, teve medo e chorou". De acordo com os procedimentos da época, foram colocados sobre a ferida óleo de oliva e toucinho, e Joana voltou ao combate. As Tourelles estavam muito bem guarnecidas. O Bastardo de Orléans testemunharia, mais tarde, a dura jornada que fora aquele 7 de maio de 1429: "O combate durou da manhã até as oito horas da noite, sem quase esperança de vitória naquele dia. Por isso, eu ia suspendê-lo e queria que a tropa voltasse para a cidade. Então a Donzela veio a mim e pediu que esperasse mais um pouco. Ela, naquele momento, montou a cavalo e dirigiu-se, sozinha, para uma vinha bastante afastada da tropa e rezou por mais ou menos dez minutos. Voltando, apanhou depressa seu estandarte e colocou-se sobre a borda do

fosso. Quando a viram, os ingleses tremeram e ficaram aterrorizados, e os soldados do rei tomaram coragem e começaram a subir, atacando o baluarte sem encontrarem a menor resistência". Joana viu cair no Loire e afogar-se aquele que ela chamava de Classidas, William Glasdale, que comandava a tropa do cerco. "Comovida pela piedade, ela começou a chorar pela alma de Classidas e dos outros que tinham-se afogado, em grande número, e naquele dia todos os ingleses que estavam do lado de lá da ponte foram aprisionados ou mortos."

Na tarde daquele sábado, 7 de maio de 1429, os franceses retomaram a cidade pela ponte, a mesma ponte que os religava ao território francês e ao rei legítimo. Ela havia desabado parcialmente e teve que ser consertada com fortes pranchas e escoras. O mais importante, porém: a partida estava ganha com as Tourelles retomadas. "Todo o clero e o povo de Orléans entoaram o *Te Deum*[57] e fizeram soar to-

57. *Te Deum* — Expressão latina indicativa de um hino sacro cristão, de ação de graças, que se inicia com as palavras "*Te Deum laudamus*" ("A ti, Deus, louvamos").

dos os sinos da cidade, agradecendo humildemente a Nosso Senhor por aquele glorioso consolo divino." Joana, ao retornar à cidade, foi levada para o seu alojamento e lá teve sua ferida tratada. A cidade estava bonita e inteiramente *livre*.

Restavam, no entanto, ainda algumas surpresas para o dia seguinte: um "suspense" que durou algum tempo. Saindo de diversas casas fortificadas, os sobreviventes da tropa inglesa organizaram-se para o combate, posicionando-se junto às muralhas da cidade. Joana e os demais capitães apressaram-se em organizar igualmente suas tropas. "E as tropas rivais estiveram frente a frente sem se atacarem durante uma hora inteira, coisa que os franceses custavam a suportar, fazendo-o apenas em obediência à vontade da Donzela que os comandava e defendia desde o começo; por amor e honra ao Domingo santo, eles não começariam o combate. Mas, se os ingleses os atacassem, que eles se defendessem forte e ousadamente e que não tivessem medo algum, pois dominariam a situação." Assim se exprime o autor anônimo do *Journal du Siège d'Orléans* (*Jornal do Cerco de Orléans*). Não houve

combate: os ingleses voltaram as costas para a cidade e rumaram para Meung-sur-Loire, abandonando no terreno grande número de bombardas[58] e outras armas de artilharia, das quais se apoderaram alguns soldados, contrariando ordens de Joana. Ela, os chefes, os soldados, o clero e o povo dirigiram-se em procissão à catedral e "todos juntos prestaram humildes agradecimentos a Nosso Senhor e louvores muito justos pela enorme ajuda nas vitórias que ele lhes havia proporcionado contra os ingleses, tradicionais inimigos do reino". Essa procissão de 8 de maio repete-se a cada ano, permanecendo a população de Orléans fiel em seu reconhecimento àquela que proporcionou o inestimável bem da libertação.

Joana havia mostrado o sinal que lhe pediam. Os doutores de Poitiers, aos quais ela havia respondido "Levem-me a Orléans, e eu lhes mostrarei o sinal para o qual fui enviada", ficaram satisfeitos. Mas, acima da extraordinária vitória que, para ela, não passava de um "sinal", devia, ainda, para

58. Bombarda — Máquina de guerra usada na Idade Média e que servia para lançar grandes pedras. Semelhante aos atuais morteiros.

cumprir sua missão por inteiro, fazer sagrar o rei em Reims. Assim, pouco demorou em Orléans. No dia seguinte, 9 de maio, ela foi apressadamente encontrar-se com o Bastardo e os demais capitães no castelo de Loches,[59] onde estava o rei.

59. Loches — Localidade do Departamento de Indre-et-Loire, no Oeste da região central da França, às margens do rio Indre. Possui um castelo que foi uma das mais importantes fortalezas medievais da França e também residência real.

(Único retrato de Joana feito enquanto viva pelo tabelião Clément de Fauquemberque, nas margens do Registro do Parlamento de Paris com o anúncio da libertação de Orléans (Arch. Nat. X 1 A 1481).

4. "Você será o lugar-tenente do rei dos céus, que é o rei da França"

"*Joana d'Arc* inventou a guerra-relâmpago." Assim, o levantamento do cerco de Orléans, tão rápido, tão inesperado, repercutiu em todo o mundo conhecido, e foi registrado não só na literatura de Alain Chartier,[60] como também nas cartas dos mercadores italianos, que queriam informar suas matrizes sobre os combates futuros. Um cronista alemão, Eberhard de Windecken, tesoureiro do rei Segismundo, escreveu um relato detalhado sobre o encontro de Joana com o delfim em Loches.[61] Esse Rei acom-

60. Alain Chartier (1385-1433) — Poeta e escritor francês. Esteve a serviço do rei Carlos VII, tendo desempenhado importantes funções diplomáticas. De espírito altamente patriótico, escreveu o *Quadrilógio*, discussão entre quatro personagens: a França, a Nobreza, o Clero e o Povo. Cada um lamenta os sofrimentos próprios e procura remediá-los com o sacrifício por uma causa comum: o patriotismo.

61. Sigismundo — Imperador do Sacro Império Romano-Germânico, de 1410 a 1437. Empreendeu uma cruzada ao Oriente Médio, favoreceu o Concílio de Constança, pretendendo superar a crise política surgida com o Cisma do Ocidente.

panhou com muito interesse[62] tudo o que aconteceu na França naquele tempo. Joana sabia que a partida ainda não estava ganha, pois tinha de acabar com as indecisões do rei, superar os maus conselheiros, enfim, sobrepujar todas as intrigas, até mesmo suspeitas de traição.

Os dias e as noites após aquele 8 de maio foram longos para sua impaciência. O Bastardo de Orléans assim testemunhou sobre o estado de espírito de Joana: "Lembro-me bem de que, quando o rei estava no castelo de Loches, eu lá fui com a Donzela depois do levante do cerco de Orléans e, quando o rei estava em seus aposentos e, com ele, Christophe de Harcourt, bispo de Castres,[63] Gérard Machet, confessor do rei, e Robert le Maçon, senhor de Trèves,[64] que foi, em outra época, chan-

62. Reno — Rio da Itália setentrional. Nasce nos montes Apeninos, corre em direção NE e deságua no Mar Adriático, ao norte de Ravena.

63. Castres — Cidade do Departamento de Tarn, Sul da França, às margens do rio Agout. Antigo acampamento romano, passou para a coroa francesa em 1225. Foi sede episcopal de 1317 a 1789.

64. Trèves — Cidade do Estado da Renânia-Palatinado, às margens do rio Mosela, Oeste da Alemanha. É a cidade que mais conserva antiguidades romanas no Norte da Europa. É uma das

celer[65] da França, a Donzela, tendo de entrar nos aposentos, bateu à porta e, assim que entrou, pôs-se de joelhos e abraçou as pernas do rei, dizendo mais ou menos assim: 'Nobre delfim, não deis ouvidos a vossos conselheiros e vinde logo a Reims para receberdes uma coroa digna'. Seguiu-se uma cena em que o rei e seus assessores foram esclarecidos a respeito das 'vozes' e dos 'conselhos' que Joana proferia. Ela contou como, durante uma prece a Deus, ouviu uma voz que lhe dizia: 'Filha de Deus, vai, vai, vai, eu te ajudarei, vai'. E quando ouviu essa voz, sentiu uma grande alegria e desejou permanecer sempre naquele estado (...). E repetindo as palavras ouvidas, ela exultava de um modo tão maravilhoso que erguia os olhos aos céus".

O que encorajava Joana era o entusiasmo de seus soldados, que queriam ajuntar-se à tropa real. Gobert Thibault, um escudeiro, conta: "Joana reuniu os soldados

mais antigas cidades da Europa. Lá residiam, ocasionalmente, os imperadores romanos, nos séculos III e IV. Foi a primeira Sé Episcopal da Europa Setentrional.

65. Chanceler — Na antigudade, era o magistrado que tinha o selo real para o pôr nos documentos oficiais; guarda-selos. Nos dias de hoje, é o Ministro das Relações Exteriores do país.

entre as cidades de Troyes e de Auxerre, eram muitos e todos a seguiam". Veio reforço da Bretanha, país de Duguesclin,[66] onde sua lembrança permaneceu muito viva, e cujo testemunho foi a carta escrita a sua mãe por Guy de Laval. Todo cheio de entusiasmo, ele contou que foi muito bem recebido pelo rei e como viu a Donzela, que "recebeu muito bem a mim e a meu irmão". A entrevista de Joana com o rei ocorreu em Selles-en-Berry. "Comenta-se — diz Guy de Laval em sua carta — que o senhor Condestável[67] (era Arthur de Richemont) está vindo com seiscentos guerreiros e quatrocentos atiradores (...). O rei jamais tivera tão expressivo exército, for-

66. Bertrand Duguesclin (Du Guesclin) (1320-1380) — Condestável da França, título a ele outorgado por Carlos V, em virtude de seu grande brilho guerreiro contra os Ingleses, tendo-se destacado como o reconquistador das Provinciass de Poitou, Guyenne e Auvergne, além de haver derrotado o duque da Bretanha, aliado dos Ingleses, em 1373.

67. Condestável — Antigamente, era o título do primeiro oficial da coroa, primeiro dignitário de todo o reino, o qual tinha o comando como chefe de todo o exército. Nos tempos modernos, passou a designar o título honorífico da corte que era sempre desempenhado por um dos infantes, o qual nas grandes solenidades acompanhava o rei de estoque desembainhado e se colocava no trono à direita do rei.

mado de pessoas com tão boa vontade em ajudar."

Joana, fez chegar a Ana de Laval, mulher de Bertrand Duguesclin e sua antiga babá "um pequenino anel de ouro" como prova da fama que já obtivera em vitórias passadas e da esperança constantemente renovada no rei da França.

A partida para Reims, porém, não ocorrera tão depressa quanto Joana desejava: era evidente que, do ponto de vista estratégico, não se podia aventurar além do Loire com um contingente que fosse presa fácil dos ingleses. Os capitães, a Donzela e até o príncipe Jean, duque de Alençon,[68] fizeram uma "varredura" em Beaugency[69] e Jargeau.[70] Provavelmente,

68. Alençon — Cidade e Capital do Departamento de Orne, NO da França, às margens do rio Sarthe. Condado e ducado durante os séculos XIII a XVI, foi tomada duas vezes pelos ingleses durante a Guerra dos Cem Anos.

69. Beaugency — Cidade do Departamento de Loiret, no centro da França. Desempenhou importante papel nas lutas religiosas, tendo permanecido fiel ao príncipe de Condé, que para lá transferiu a Universidade de Orléans, tendo-se apoderado da cidade em 1562. Foi incendiada e arrasada pelos protestantes em 1568.

70. Jargeau — Cidade do Departamento de Loiret, França, às margens do rio Loire. Foi palco

o duque de Alençon já havia pago seu resgate aos ingleses, pois pôde participar do levante do cerco de Orléans, comandando as operações. Às forças inglesas reagrupadas uniu-se uma outra tropa, cujo comando foi confiado pelo duque de Bedford, "regente da França", que morava em Paris, a Falstaff.

O primeiro ataque francês foi contra Jargeau, tomada em 10 de junho. Um grande reforço para as tropas francesas foi o de Arthur de Richemont. Condestável da França, na época estava em desgraça. Alençon pensou em não deixá-lo participar da batalha. "Joana me falou que era necessário ajudá-lo." O cronista Guillaume Gruel assim relatou: "Richemont dirigiu-se à Donzela: — 'Joana, disseram que você me queria combater. Eu não sei se você está do lado de Deus, ou não. Se você está do lado de Deus, eu não acredito em nada, pois Deus sabe muito bem o que quer. Se você está do lado do diabo, eu acredito em você menos ainda'. E Joana lhe respondeu: — 'Ah! bom Condestável, vós não viestes por mim, mas, como viestes, sereis benvindo' ".

de uma vitória de Joana d'Arc sobre os ingleses em 1429.

Uma vez mais encontrava-se Joana às vésperas de um combate decisivo. Os ingleses se aproximam em "bela formação", como diz o cronista Jean, Bastardo de Wavrin, que estava nas fileiras. Vendo os franceses entrincheirados em "uma pequenina colina", do lado de Beaugency, os ingleses lhes enviaram dois mensageiros, que ouviram de Joana, a Donzela, estas palavras: "Descansai por hoje, pois já é muito tarde; mas amanhã, com a graça de Deus e Nosso Senhor, nós vos veremos de mais perto". Assim as duas tropas permaneceram, na noite de 17 de junho de 1429, em suas respectivas posições. Segundo Jean de Wavrin, que relatou cada fase da jornada daquele 18 de junho, a tropa inglesa, formada em três guarnições, "cavalgava em perfeita ordem rumo a Patay", quando os comandantes foram avisados "pelos volantes da retaguarda" de que estavam vindo muitas pessoas atrás deles e eles acreditavam serem franceses. Para confirmar o informe, "os comandantes ingleses despacharam alguns homens que logo retornaram e contaram que os franceses estavam vindo velozmente atrás deles". Em conseqüência disso, puseram-se logo em posição de

combate "ao longo das sebes, perto de Patay". Talbot, que comandava a vanguarda, posicionou-se em uma passagem estreita, "entre duas sebes reforçadas, por onde ele julgava que os franceses passariam".

"Implacáveis, vinham os franceses atrás de seus inimigos, que eles ainda não viam, nem sabiam onde estavam. Acidentalmente, os batedores[71] viram um cervo saindo do bosque, tomando a direção de Patay e metendo-se no meio da tropa inglesa. O fato provocou grande alarido, já que eles não imaginavam que seus inimigos estivessem tão perto. Ouvindo a gritaria, os volantes franceses puderam localizar os ingleses e logo, logo, viram-nos claramente. Mandaram alguns companheiros contar a seus comandantes o que tinham visto e encontrado, informando-os de que os ingleses cavalgavam em boa formação

71. Batedor — Soldado que vai só, ou com outros, adiante de um corpo de tropas, para abrir caminho ou explorar terreno; soldado, ou criado de farda, montado, que, só, ou com outros, cavalgava a certa distância adiante das carruagens em que iam membros da realeza ou grandes dignitários, para abrir caminho, ou somente por aparato. Modernamente, soldados que vão de motocicleta à frente de cortejos do tipo.

e que era hora de trabalhar. Os comandantes franceses depressa prepararam todos os detalhes e cavalgaram, tendo visto logo em seguida a tropa inglesa."

Os ingleses apressaram a marcha para alcançar sua vanguarda e cometeram com essa atitude um grande erro: "M. Jean Falstaff, cavalgando com seu grupo na direção da vanguarda para juntar-se a ela, causou a impressão de que tudo estava perdido e eles estavam fugindo. Assim, o comandante da vanguarda, supondo que era isso o que estava acontecendo, ergueu o estandarte branco e fugiu com seus homens, abandonando suas posições. M. Jean Falstaff, então, percebendo o perigo da fuga e vendo que tudo ia muito mal, pensou em salvar-se e disseram-lhe, em minha presença, que se cuidasse, pois a batalha estava perdida para eles. Antes da fuga de Falstaff, os franceses já haviam derrubado M. Talbot do cavalo, fazendo-o prisioneiro, e todos os seus homens foram mortos; os franceses estavam em tão grande superioridade no combate que podiam prender ou matar quem eles bem quisessem. Finalmente, foram derrotados os ingleses com pequenas perdas por parte dos franceses...". Falstaff

e Wavrin fugiram para Étampes.[72/73] Esse ato de covardia rendeu a Falstaff severa punição, acabando ele por perder a insígnia da ordem da *Jarretière*,[74] a qual somente muito mais tarde lhe fora restituída. Talbot foi feito prisioneiro pela própria *Joana d'Arc*.

Vitória inesperada e decisiva foi essa de Patay em 18 de junho de 1429. Do lado dos franceses houve apenas três mortos, enquanto, do lado dos ingleses, havia perto de dois mil: verdadeira desforra de Azincourt.

Durante algum tempo, o pânico tomou conta dos parisienses, que "duplicaram a guarda e fizeram reforçar as muralhas, nelas instalando uma boa quantidade de canhões e outras peças de artilharia".

72. Étampes — Cidade do Departamento do Sena-e-Oise, Norte da França. Cidade anterior ao século VII, lá realizou-se um Concílio que reconheceu Inocêncio II papa legítimo, em 1130.

73. *Staff* — Palavra da língua inglesa que corresponde a "estado maior de um exército", "pessoal graduado de uma empresa ou instituição", etc.

74. *Jarretière* — Jarreteira: espécie de fita, usualmente elástica, que servia para prender a meia, acima ou abaixo do joelho; liga. Ordem da Jarreteira: importante ordem cavalariana da Idade Média.

Daí para a frente, nada mais impediria que a tropa francesa, engrossada a cada momento por novos soldados, tomasse, finalmente, o caminho de Reims. O rei, depois de haver reunido suas tropas em Gien, aí ficou até 29 de junho. Dez insuportáveis dias para a impaciência da Donzela que "estava muito aborrecida — como conta o cronista do duque de Alençon, Perceval de Cagny — com a grande demora naquele lugar... e, para distrair-se, deixou seu alojamento e foi para o campo dois dias antes de partirem".

Era compreensível a hesitação do rei, pois, para chegar a Reims, tinham que atravessar a Borgonha. No trajeto, os nomes das cidades soavam inquietantes: Auxerre, Troyes, Châlons; fora em Troyes que *Carlos* perdera a coroa para o herdeiro de Henrique V, da Inglaterra; em cada uma dessas cidades, ao lado dos borgonheses, devia estar uma guarnição inglesa. Ninguém, a não ser Joana, absolutamente segura, duvidava das dificuldades que encontrariam todos nessa viagem. A confiança de Joana pode ser comprovada pelo teor da carta que ela endereçou aos moradores de Troyes, logo que chegou à localidade de Saint-Phal, a cerca de vinte e dois qui-

lômetros: "Franceses leais, comparecei diante do rei *Carlos* e que ninguém falte nem tema por sua vida, seus bens ou suas realizações; sim, por suas realizações, pois prometo e garanto que entraremos, com a ajuda de Deus, em todas as cidades, que devem pertencer ao Santo Reino, e aí estabeleceremos uma paz duradoura, contra a qual ninguém se interporá. Recomendo-vos a Deus, e que ele seja vosso guardião, se assim lhe aprouver. Respondei concisamente".

Os fatos, porém, não autorizavam essa segurança das palavras de Joana. Os moradores de Auxerre não deixaram a tropa entrar na cidade, concordando, apenas, em fornecer-lhe víveres; os moradores de Troyes pareciam ainda menos dispostos a acatar o que Joana pedia. Enviaram ao encontro da tropa o Frei Richard, pregador renomado, levando água benta, e a quem Joana apenas se limitou a dizer, ao vê-lo de longe traçando no ar sinais-da-cruz: "Aproximai-vos sem medo, que eu não fugirei!" Na cidade, estavam todos com medo por causa da reduzida guarnição deixada pelo duque de Borgonha. Entre os conselheiros de *Carlos* havia discordâncias. Joana, então, decidiu o que fazer: "Nobre

delfim, ordenai que vossos homens vão e cerquem a cidade de Troyes e não percais mais tempo com longos conselhos, porque, em nome de Deus, antes de três dias, eu vos introduzirei na cidade, por amor ou força ou coragem, e a hipócrita Borgonha ficará assombrada". Ela tomou, efetivamente, atitudes como se um cerco fosse acontecer: mandou entupir os fossos com feixes de capim e colocou seus homens em posição para o ataque; em conseqüência disso, os moradores de Troyes, amedrontados com o que ocorrera quando do cerco de Orléans, apressaram-se em estabelecer negociações por intermédio de Jean Léguisé, bispo da cidade. Ele, pessoalmente favorável à causa francesa, assistiu, no dia seguinte, à entrada do rei na cidade em famosa rendição pelo tratado de 1420. *Carlos*, bem como Joana com seu estandarte, foram recebidos com grande pompa.

Restava Châlons, onde, em 14 de julho, no exato momento em que Montjoie, mensageiro do rei, lá chegava, Jean de Montbéliard, bispo da diocese, entregava a *Carlos* VII as chaves da cidade. Quanto a Reims, alguns partidários do rei da Inglaterra, antevendo o que estava para aconte-

cer, bateram em retirada. Entre eles estava um certo Pierre Cauchon, bispo de Bauvais.[75]

Em Châlons, na ida para Reims, Joana teve um encontro emocionante com seus pais, Jacques e Isabelle, acompanhados de várias pessoas de Domrémy, inclusive seu padrinho Jean Moreau. Era comum pessoas se deslocarem sempre que acontecia uma solenidade, sobretudo quando era uma cerimônia de coroação. O espanto maior ficava por conta de ver pessoas vindas da

Joana d'Arc faz sagrar o rei *Carlos* VII na catedral de Reims. (Na *História da França*, impressa em Épinal, século XIX).

75. Cidade e Capital do Departamento de Oise, Norte da França.

tão distante Domrémy para ver a coroação. Joana fez a um deles uma confidência: "Ela dizia nada temer se acontecesse uma traição", relatou mais tarde Gérardin d'Épinal. Na tarde daquele 16 de julho, *Carlos* entrava, já como rei da França, na cidade reunificada, enquanto os habitantes gritavam "Natal! Natal!" em volta dele.

A sagração aconteceu na manhã seguinte, domingo, 17 de julho. Joana deve ter permanecido muito próxima do estrado que, para ocasiões semelhantes, era erguido perto do altar, pois, mais tarde, perguntaram-lhe, com malícia: "Por que seu estandarte se destacava sobre os dos demais comandantes na igreja de Reims durante a sagração do rei?" Joana deu a resposta que se tornou famosa: "Valeu a pena, havia bastante motivo para que ele fosse honrado". Daí para a frente, *Carlos* VII passaria a ser, para ela, não mais apenas o delfim, mas o rei.

Uma sombra no cenário: Joana escrevera uma carta a Philippe le Bon, duque de Borgonha para que ele viesse assistir à coroação junto com os demais pares[76] do reino, mas ele não respondera. Ela lhe es-

76. Pares — Vassalos poderosos do rei. Membros da Câmara Alta na Inglaterra.

creveu novamente no dia da sagração, pedindo-lhe "da parte do Rei do Céu (...) que o rei da França e vós façais pazes duradouras. Perdoai um ao outro de coração desarmado, como devem proceder cristãos leais".

Nesse mesmo dia, porém, o rei *Carlos* VII assinava com os enviados do duque de Borgonha uma promessa de trégua... por quinze dias! Em troca dela, o duque prometia entregar-lhe Paris. Era apenas uma questão de tempo para Bedford, pois três mil e quinhentos cavaleiros e arqueiros estavam vindo da Inglaterra para Calais em direção a Paris.

5. Um ano, pouco mais

Em Gien, para onde voltou em 21 de setembro de 1429, *Carlos*, já o rei *Carlos* VII da França, ordenou que se dissolvesse a formação das tropas para a sua sagração. Isso causou uma dolorosa decepção em Joana, pois melhor que ninguém, ela avaliava o que poderiam fazer esses homens daí para a frente, entusiasmados com o sucesso depois das surpreendentes vitórias dos meses precedentes. Os cronistas da época nos revelam alguns planos desses homens: um era que o duque de Alençon insistia em marchar sobre a Normandia em companhia de Joana. O rei foi contra; queria seguir "sua" própria política. A sagração fizera-o seguro de si e seu desejo primordial quase virava obsessão: reconciliar-se com Philippe le Bon, duque de Borgonha. Para alcançar a reconciliação, ele só acreditava em tréguas e concessões. O duque, por sua vez, tinha consciência disso e só pensava em divertir-se, ganhando tempo e acumulando todas as vantagens possíveis, tanto do lado inglês quanto do francês, já que era o árbitro en-

tre as duas facções. Ele exigiu do rei *Carlos* a posse da Oise e de Compiègne,[77] regiões que ampliaram seus domínios. Em volta do rei moviam-se conselheiros que, como Georges de La Trémoille, preferiam a inação a riscos de guerra... Enquanto isso, os inimigos de Joana arquitetavam contra ela um plano de vingança.

Algumas memórias da época, como o *Journal d'un bourgeois de Paris* (*Diário de um burguês de Paris*), crônicas de um clérigo da Universidade de Paris, revelam a inquietação e a fúria nos meios favoráveis ao duque de Borgonha e aos ocupantes ingleses. A Universidade de Paris, cumulada de favores e benefícios dos ingleses depois de devotar-se inteiramente ao duque de Borgonha, sentia como verdadeira humilhação as vitórias de Joana. Entre os membros da Universidade que assim se sentiam estava Pierre Cauchon, antigo reitor,[78] que participara dos motins de 1413

77. Compiègne — Cidade à margen esquerda do rio Oise, Norte da França. Local da prisão de Joana d'Arc pelos bolonheses em 1430. Lá estão as ruínas da chamada "Torre de Joana d'Arc".

78. Reitor — Aquele que rege, dirige ou tem a seu cargo os negócios de certas corporações, mormente escolares e religiosas (Reitor da Universidade, Reitor do Seminário).

contra Isabel, rainha da França, e, posteriormente, fora um dos principais negociadores do tratado de Troyes. Ele arquitetara um projeto político para tirar o poder de uma dinastia[79] que ele julgava ultrapassada e incapaz, e desejava fundar uma nova ordem que sua mente de universitário julgava mais apropriada para o futuro do reino: a França e a Inglaterra formariam uma monarquia dupla sob a égide dos Lancastre, vencedores de Azincourt.

Pode-se dizer que esta estranha solução que brotou da cabeça de intelectuais é a primeira de uma série de ideologias que desde então se sucedem uma às outras, até hoje, provocando os desastres humanos e econômicos que tão bem conhecemos. Ideologias que produzem tantas vítimas, a começar pelos que acreditam em sua mentirosa propaganda.

Já no século XV, pouco tempo antes do nascimento de Joana, uma poetisa e historiadora, Christine de Pisan,[80] denun-

79. Dinastia — Série ou sucessão de soberanos pertencentes à mesma família.

80. Christine de Pisan (1364-1430) — Tendo ficado viúva aos vinte e cinco anos, passou a escrever para sobreviver. Ardorosa feminista, glorificou enormemente os feitos de Joana d'Arc. Prati-

ciou com rigor o que ela chamou "Senhora Opinião" — a propaganda a que se dedicam, para difusão de suas idéias, os intelectuais "fabricantes" de sistemas: ela os acusa de responsáveis por todas "as rebeliões, embates, agitações e batalhas" que envolvem os homens de uma nação e "os fazem tornarem-se inimigos". Na época em que ela escreveu — princípios do século XV — a França encontrava-se dividida em duas: uma, a dos partidários do duque de Borgonha; outra, a da dinastia legítima. A seqüência de acontecimentos só veio agravar essa ruptura profunda entre as duas facções. Os universitários, em sua maioria, eram partidários do duque de Borgonha, João Sem Medo, depois Philippe le Bon. Foi por causa das desavenças internas que Henrique V de Lancastre irrompeu contra o território francês, esperando, com suas vitórias, assegurar de vez a presença de sua dinastia e a locupletação dos cofres do rei-

cou diferentes gêneros literários, tendo-se destacado, pela profundidade de tratamento dada ao assunto, com a crônica *Le Livre des Faits et bonnes Moeurs du sage Roi Charles Quint (O Livro dos Feitos e bons Costumes do sábio Rei Carlos V)*. Nos poemas que escreveu perpassa a idéia da solidão. Seus escritos e idéias marcaram sua época.

no. Nos meios universitários de Paris, aqueles que apresentavam alguma resistência a isso (Jean Gerson, por exemplo) tiveram que fugir, reunindo-se depois em Poitiers, tendo seus nomes riscados dos quadros da Universidade.

Pierre Cauchon acreditava então (24 de maio de 1420, dia seguinte ao do tratado de Troyes) que sua idéia de monarquia dupla com duas coroas — França e Inglaterra — sobre uma mesma cabeça, a do rei da Inglaterra, realizar-se-ia plenamente. Indiferente aos direitos legítimos e interessado unicamente na ordem política que ele pretendia impor, proporcionava, assim, satisfação aos vencedores: Borgonha e Inglaterra. Ganhou, por seus bons serviços, a diocese de Beauvais. A morte de Henrique V dois anos depois representou duro golpe contra o sistema planejado, porém, já havia nascido o futuro Henrique VI, destinado a ser "rei da França e da Inglaterra". Dois meses depois de Henrique V, morreu também *Carlos* VII, chamado primeiramente de "o Bem-amado" e depois, de "Carlos, o Louco". Quanto a seu filho, afastado do trono pelo tratado de Troyes, parecia pouco temível.

Com que assombro Pierre Cauchon e seus sequases[81] da Universidade de Paris devem ter visto, de repente, seus planos ameaçados! E por quem? Por uma mulher — cúmulo da indignidade, pois, desde sua criação em princípios do século XIII, a Universidade de Paris jamais tinha aberto suas portas às mulheres — e menos ainda a uma pequena camponesa de origem obscura, que nem sabia o bê-á-bá, segundo suas próprias palavras.

Ao chegar a Chinon, Joana declarou: "Subsistirei por ano, um pouco mais", e ela advertiu que seria necessário "trabalhar

81. Acólito (*acolitato*) — A quarta das "ordens menores", em que o futuro sacerdote recebe um candelabro com uma vela apagada e galhetas, símbolos do poder de servir na Santa Missa e nas demais cerimônias religiosas, acendendo as velas, preparando e ofercendo o vinho e a água; pessoa que desempenha essas funções; "coroinha". As outras três "ordens menores" são o *ostiariato*, em que o futuro sacerdote recebe as chaves da igreja, um livro e a campainha, porque a ele compete tocar a campainha e o sino, abrir a porta da igreja e a da sacristia e apresentar o livro aberto ao pregador; o *leitorato*, em que recebe um livro sagrado, porque haverá de ler as Sagradas Escrituras, ou lições sagradas, no templo; o *exorcistato*, em que recebe o livro dos exorcismos, pelo poder que lhe é conferido de afastar os demônios.

muito" durante esse período. Contrariamente ao seu desejo, ela estava reduzida à inação por ordem do próprio rei que ela havia feito sagrar e coroar. Imagine-se sua inquietação. Com toda a certeza — os conselheiros do rei sabiam disso — era preciso ocupá-la de algum modo. La Trémoille, após uma permanência de Joana em Bourges por quase três semanas, teve a idéia de utilizá-la, jogando-a contra alguns chefes de guarnição, que, após terem lutado pelo rei, agora só pensavam em lutar em proveito próprio. Um deles era Perrinet Gressart, entrincheirado em La Charité-sur-Loire, de onde partia para ocasionais "ataques-relâmpago", e que aprisionara por algum tempo exatamente La Trémoille, libertando-o apenas mediante um resgate de quatorze mil escudos. Por que não atirar Joana contra esse desavergonhado?

Joana foi, então, tomar Saint-Pierre-Le-Moûtier, que estava sob o poder de Perrinet Gressart. A cidade foi tomada em novembro de 1429. Em seguida, Joana investiu contra La Charité-sur-Loire. Nessa investida ela sofreu um revés: "é que o rei não lhe forneceu recursos financeiros nem víveres para sustentar seus homens", escreveu uma testemunha da época, Perceval

de Cagny. Joana teve que suspender o cerco. Conduziu os sobreviventes da tropa para Jargeau e lá, como uma espécie de compensação, o rei *Carlos* VII outorgou títulos de nobreza para ela, seus pais e irmãos, especificando que, pelos relevantes serviços prestados, os títulos de nobreza passariam tanto em linha feminina, quanto em masculina (Philippe le Bel, em princípios do século XIV, tinha restringido a transmissão de títulos de nobreza à linha masculina, contrariando, assim, costumes de tempos passados).

Joana deve ter ficado completamente indiferente diante de distinção dessa espécie. Sombrio inverno para ela o de 1429-1430! Parece que ela o passou quase todo no castelo de Sully-sur-Loire, pertencente à família de La Trémoille. Ela foi convidada para um banquete em Orléans, oferecido pela municipalidade em 19 de janeiro, fato anotado nos registros da cidade, e que mencionam também a presença de um de seus irmãos, Pedro, que a acompanhou em todas as suas batalhas.

Um outro celebrava também com banquetes e festas luxuosas o apogeu de seu poder: Philippe le Bon, duque de Borgonha, que se casara, em 8 de janeiro de 1430,

com Isabel de Portugal, e criou a ordem do "Tosão de Ouro"[82] ("Velocino de Ouro"), uma ordem de cavalaria, ao gosto da época e que reunia as personalidades que o soberano quisesse honrar — pretexto para uso de ricas vestimentas e freqüência a banquetes opíparos. Philippe le Bon recebera do duque de Bedford o título de lugartenente geral do rei da Inglaterra para o reino da França. Ao mesmo tempo, o "regente" lhe entregava os condados de Champagne e Brie, ampliando, dessa forma, seus domínios. Então, apesar das tréguas que periodicamente negociava com o rei da França, mandou à Champagne um de seus homens de confiança, o marechal de Toulongeon, exigindo que as cidades de Oise, Roye, Montdidier e Compiêgne, que o rei lhe havia prometido, fossem entregues a ele sem demora.

82. Tosão de Ouro — Também chamado "Velocino de Ouro", segundo a Mitologia, foi o objeto de conquista dos Argonautas, comandados por Jasão. A Ordem do Tosão de Ouro, fundada em 1430 por Felipe o Bom, duque de Borgonha, foi uma das mais importantes ordens de cavalaria da Europa, na Idade Média. A Ordem mantinha completa jurisdição sobre seus membros, em número de 25 cavaleiros, incluindo o rei, que era o Grão-Mestre.

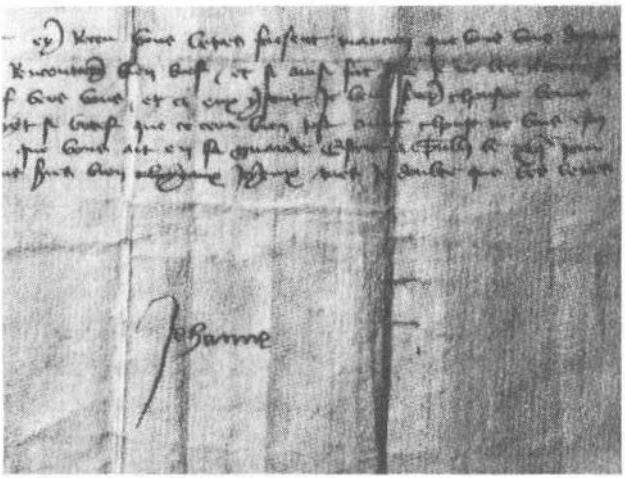
Carlos VII começou, então, a perceber que o primo de Borgonha decididamente zombava dele. Exigiu, por isso, uma conferência de paz, que nunca aconteceu. Por toda parte começaram a surgir movimentos de resistência: as guarnições inglesas foram expulsas de Melun e Saint-Denis pela sublevação dos habitantes e, em Paris, descobriu-se uma conspiração de grandes proporções, felizmente sufocada a tempo, com a execução de seis conspiradores, cujos corpos foram pendurados em praça pública diante de mercados, enquanto 150 outros eram presos.

Somente em 6 de maio de 1430 o rei reconheceu seu erro, e uma carta ditada a seu chanceler, Regnault de Chartres, confessava que ele fora "enganado e iludido pelas tréguas e outros expedientes" por Philippe de Borgonha quando ele "se julgou com certos poderes para guerrear contra nós, nosso país e seu povo leal".

Joana não mais esperou para entrar em ação. Depois de quase dois meses, ela deixou o castelo de Sully sem despertar a atenção das autoridades, levando consigo uma companhia de 200 Piemonteses, sob o comando de Barthélémy Baretta, um experiente capitão. Ela foi combater nas re-

giões ameaçadas, pois já sabia, de há muito, que só haveria paz "na ponta da lança". Tinha a seu lado seu irmão Pedro e seu fiel subcomandante Jean d'Aulon. Porém, em lugar daquela chefe guerreira dos tempos da marcha sobre Orléans, ela parecia, agora, um pouco sem brilho, como se fosse uma simples capitã de tropa.

Seguiu para Melun, onde foi muito bem acolhida por uma população que acabava de expulsar a guarnição inglesa; depois seguiu para Lagny. Nessa pequena cidade,



Carta de Joana aos moradores de Reims (16 de março de 1430) exortando-os a não se dobrarem diante do inimigo e a serem "sempre bons e leais" (Arquivos de Reims).

suplicaram-lhe que fosse visitar uma família com um recém-nascido que não havia dado sinal de vida nos primeiros três dias. "Ele estava negro como minha saia", diria ela mais tarde, relembrando o fato. Ela se pôs a rezar com as mocinhas que foram buscá-la e, depois de algum tempo, a criança recobrou vida, respirou livremente, recebeu o batismo e em seguida morreu diante dos pais, acalmados porque poderiam fazer sepultá-la em terra cristã.

Joana esteve em Senlis em 24 de abril e depois, em 14 de maio, em Compiègne. Os moradores e o prefeito dessa última cidade, Guillaume de Flavy, recusaram-se a abrir as portas ao duque de Borgonha, e ele começou o cerco dessa que era uma importante "cabeça-de-ponte" para Oise. Joana apossou-se da fortaleza de Choisy-au-Bac em 16 de maio. Depois, sua tropa rumou para Margny e Clairoix, para completar o cerco. Ela, que tentou com seus homens capturar as tropas de Borgonha, que estavam em desvantagem ao seguirem de Aisne para Soissons, viu impedirem sua entrada nessa cidade. Não é de admirar, portanto, que, alguns dias mais tarde, seu chefe a vendesse ao duque de Borgonha.

Após haverem passado por Crépy-en-Valois, Joana e sua pequena tropa, deslocando-se à noite pela floresta, "a horas mortas da madrugada", chegaram a Compiègne. Foi preparada uma operação de guerra contra a fortaleza de Margny. Joana, conforme seus hábitos, colocou-se à frente, mas o ataque falhou. As tropas de Borgonha, emboscadas em Clairoix, deram alarme para as outras nas localidades vizinhas, Venette e Coudun, aonde acabava de chegar o duque de Borgonha em pessoa. Era fundamental retirar-se ordenadamente. Joana, como já havia feito em situações semelhantes, correu para a retaguarda para proteger a retirada. No momento em que os últimos combatentes, entre os quais ela, iam entrar na cidade, os portões se fecharam abruptamente "e assim ficou de fora a Donzela, com alguns poucos de seus homens", escreveu Perceval de Cagny, cronista da época.

Teria sido ela traída por uma pessoa — de muito má reputação — Guillaume de Flavy, que defendia a cidade? Muito se discutiu sobre isso. O certo é que os portões da cidade foram fechados antes da hora. Restou, pois, ao grupo entrincheirar-se nas muralhas da cidade.

O cronista Georges Chastellain descreveu, posteriormente, de modo magnífico, a última visão que teve de *Joana d'Arc* combatendo: "A Donzela, por sua natureza de mulher, fez muito esforço para livrar sua tropa da derrota, permanecendo na retaguarda como um capitão, e o mais valente de todos (...). Um arqueiro, muito teso e rude, com grande despeito porque uma mulher, de quem tanto ouvira falar, era a líder de tantos homens valentes (...), puxou-a de lado, pela ponta do casaco dourado e arrancou-a do cavalo, atirando-a ao chão".

Esse homem, "teso e muito rude", era da tropa do Bastardo de Wandonne, contra quem Joana desembainhara sua espada. Wandonne era lugar-tenente do "borgonhês" Jean de Luxembourg. Joana caiu, assim, prisioneira dos "borgonheses". Naquela mesma tarde, o duque de Borgonha chegou de Coudun. "Ele veio à hospedaria onde estava a Donzela e dirigiu-lhe algumas palavras de que não me recordo muito bem, embora eu estivesse presente", escreve o cronista Enguerrand de Monstrelet, um borgonhês imediato do duque Philippe le Bon. Curiosamente, sua memória, habitualmente tão fiel, parece então ter-lhe falha-

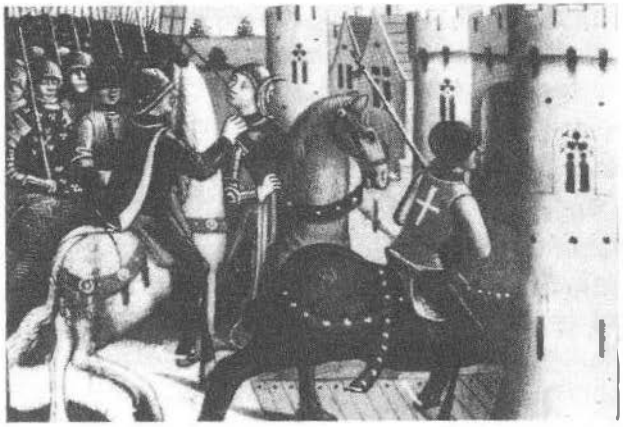
do! É provável que a entrevista não tenha sido favorável a seu grande senhor, e ele a preferisse calar...

Era 23 de maio de 1430.

A primeira janela da vida pública de Joana se fechava após um ano repleto de vitórias e de decepções. Abria-se um ano negro: Joana prisioneira. Quando se pensa no que isso deve ter significado para ela, moça do campo, habituada a grandes espaços e a longas cavalgadas, imagine-se o sofrimento por que ela passava.

Mais tarde, interrogada pelos juízes, ela disse que sabia o que lhe iria acontecer: "Na última semana de Páscoa (entre 22 e 29 de abril se se referir à data da Páscoa de 1430), quando eu me encontrava nas trincheiras de Melun, foi-me dito por minhas 'vozes', isto é, as vozes das santas Catarina e Margarida, que eu seria presa antes de chegar a Saint-Jean, e que era necessário que assim fosse, e que eu não me assustasse, mas que eu agüentasse firme, que Deus me ajudaria".

A cidade de Saint-Jean caiu em 24 de junho. Joana já sabia, um mês antes, que iria ser feita prisioneira em Compiègne. Ela própria falou do tanto que temeu essa hora: "Eu pedi inúmeras vezes a minhas



Prisão de Joana em Compiègne (*Vigílias de Carlos VII*, BN, ms. francês 5054)

'vozes' para que me dissessem a hora de minha prisão, mas elas não mo disseram" e, mais precisamente: "Se eu tivesse sabido a hora em que eu seria presa, de maneira alguma entregar-me-ia facilmente".

Imagine-se Joana debatendo-se com todas as forças contra esse seu destino!

Seus adversários exultaram. "Os partidários de Borgonha e os ingleses ficaram muito alegres, mais do que se tivessem aprisionado 150 combatentes, pois temiam mais a ela que a qualquer um dos outros capitães." O Bastardo de Wandonne em pessoa, como relatam as testemunhas,

estava "mais alegre do que se tivesse um rei em suas mãos". E essa mesma alegria perpassou a carta-circular que Philippe le Bon remeteu às leais cidades de seus domínios para anunciar-lhes a prisão de Joana: "Para alegria de nosso bendito Criador, a mulher chamada 'a Donzela' foi aprisionada e, com ela presa, serão conhecidos o erro e a louca crença de todos os que ficaram favoráveis aos feitos dessa mulher". Ele acrescentava que prestava homenagem ao Criador por essa prisão, que, esperava, redundaria "em benefício para nosso senhor, o rei da Inglaterra e da França, e em consolo para os bons e leais súditos...".

Essa carta de Philippe le Bon foi "gritada" pelas ruas de Paris por um arauto em 25 de maio. O testemunho do fato está no registro do Parlamento. Em 26 de maio, a Universidade de Paris escrevia ao duque de Borgonha, reclamando, em nome do inquisidor da França, que Joana fosse entregue "o mais cedo que segura e convenientemente fosse possível". Os universitários tinham de julgar "a dita Joana, veementemente suspeita de vários crimes 'cheirando a heresia' ".

Os ilustres mestres da universidade de Paris não perderam tempo! No mês de maio

de 1429, antes, portanto, da coroação do rei, um clérigo da Universidade de Paris, redigiu um libelo[83] anônimo contra Joana, sugerindo que ela, a libertadora de Orléans, talvez fosse uma herética. A Universidade não se considerava a detentora "da chave do cristianismo"?

Joana ficou presa na fortaleza de Clairoix; no dia seguinte, foi levada para o castelo de Beaulieu-les-Fontaines, que pertencia a Jean de Luxembourg. Com ela, foram feitos também prisioneiros seu irmão e Jean d'Aulon.

Um episódio tocante deve ser registrado: Isabel de Portugal, que se encontrava em Péronne, pediu a seu marido Philippe le Bon para ver a prisioneira. O encontro aconteceu em Noyon, no palácio episcopal, próximo da bela catedral, cujo bispo, Jean de Mailly, era um grande "colaborador" e um dos amigos chegados de Pierre Cauchon. Acredita-se que Isabel, cuja reputação de bondade era notória, interce-

83. Libelo — Exposição em forma de artigos, por escrito, daquilo que o autor intenta provar contra o acusado. Libelo acusatório: exposição articulada dos fatos criminosos que o Ministério Público pretende provar contra o réu. Escrito em que se imputa a alguém alguma ação indigna.

deu para que Joana fosse transferida para um lugar mais confortável do que o castelo de Beaulieu-les-Fontaines, do Bastardo de Wandonne, e que apenas era freqüentado pela soldadesca de seu círculo. Escolheram então para ela o castelo de Beaurevoir, de Jean de Luxembourg, onde residiam sua esposa, Joana de Béthune, sua tia, Joana de Luxembourg, e Joana de Bar, filha do primeiro casamento de Joana de Béthune, tornada condessa de Luxembourg. Talvez a tentativa de fuga feita por Joana tenha sido motivada pelo medo de ser levada para mais longe, rumo norte; essa tentativa, porém, fracassou, e Joana foi transferida para Beaurevoir provavelmente na primeira quinzena de junho de 1430.

Joana passou quatro meses no castelo de Beaurevoir, do qual hoje só restam uma torre e parte dos muros. Mais tarde, no decorrer do processo, *Joana d'Arc* evocaria com simpatia essas três mulheres, todas elas de nome Joana, que demonstraram esquecer as divergências políticas e militares para ver nela apenas uma prisioneira merecedora de atenção e consolo. E foram mais longe. Joana declarou: "a Senhora de Luxembourg pediu a seu marido que eu não fosse entregue aos ingleses".

A senhora de Luxembourg, tia de Jean de Luxembourg, era uma senhora "muito velha" — como escreveu um cronista da época. Ela tinha três sobrinhos: Pedro, que, com certeza, não caía em suas boas graças; Luís, bispo de Thérouanne e partidário resoluto da causa inglesa (morreu na Inglaterra, como bispo de Ely, depois de ter sido arcebispo de Rouen); e Jean, vassalo do príncipe Philippe le Bon, que chegou a nomeá-lo cavaleiro da ordem do "Velocino de Ouro". Ele parece ter ficado um pouco indeciso perante o ocupante inglês, mas era-lhe difícil ir contra a escolha de seu suserano.[84] Provavelmente, diante da influência de sua tia, hesitou em entregar Joana aos ingleses. Joana de Luxembourg, por sua vez, costumava visitar todos os anos, pelo final de agosto, o túmulo de seu irmão, o santo cardeal Pedro de Luxemburgo, morto em estado de santidade, há então quarenta anos atrás e cujo túmulo era venerado em Avignon.[85] Ela chegou lá muito

84. Suserano — Senhor de um domínio feudal, a cujos vassalos havia uns terceiros que tributavam vassalagem.

85. Avignon — Cidade comercial e industrial, Capital do Departamento de Vaucluse, situada no NE da França, próxima da confluência dos rios

cansada naquele ano. Fez seu testamento em 10 de setembro de 1430 e morreu oito dias depois.

Seu sobrinho Jean era seu herdeiro, mas não das simpatias para com a prisioneira de Beaurevoir. Estava ele muito ocupado com o cerco de Compiègne, que lhe havia sido confiado, mas que terminaria mal: em 24 de outubro, ele deixaria a posição e retirar-se-ia para Noyon; quatro dias mais tarde os lugarejos ao redor rendiam-se aos franceses. Compiègne estava libertada.

Joana, nesse entretempo, fez uma segunda tentativa de fuga. Dessa vez, saltando da torre de Beaurevoir: ela preparou uma espécie de corda amarrando lençóis uns aos outros, mas eles se desataram, e ela sofreu uma grande queda nos fossos de Beaurevoir: "Eu me feri nessa queda de tal modo que não podia comer nem beber", diria ela mais tarde, acrescentando que aquilo durou dois ou três dias, após o

Ródano e Durance. Vendida por Joana I de Nápoles ao papa Clemente VI em 1348. Sede do papado de 1309 a 1378 e dos Papas de Avignon durante o Cisma do Ocidente(1378-1417); unida à coroa da França em 1791.

que sua constituição robusta levou vantagem.*

Joana declararia depois a seus juizes que, se ela havia decidido arriscar sua vida saltando da torre de Beaurevoir era porque ela estava preocupada com "seus bons amigos de Compiègne" e que Santa Catarina lhe havia afirmado que eles "seriam socorridos antes da festa de Saint-Martin-d'Hiver" (11 de novembro).

Um homem, porém, estava muito preocupado: o antigo reitor da Universidade de Paris, Pierre Cauchon, investido bispo de Beauvais por graça do duque de Borgonha. Quando Joana foi aprisionada, ele estava em Calais, junto do duque de Bedford. No mês de junho, ele escreveu cartas a Philippe le Bon e a Jean de Luxemburgo tentando comprar a prisioneira em nome da Universidade de Paris, oferecendo seis mil libras por Joana, podendo

* Cabe levantar um outro erro evidente no cenário do filme de Pierre Moinot, quando Joana se joga nos fossos cheios d'água durante a noite. Ela é salva e recolhida por guardas destemidos; mas, em seguida, é tomada por um acesso de tosse, incoercível, até o final do filme, como se ela tivesse, naquele momento, apanhado tuberculose! Teria sido para produzir um efeito patético? Parece, no entanto, bastante inútil tal "acréscimo"...

a importância chegar a dez mil. Ao autor da prisão, Lionel Wandonne, ofereceu uma pensão de trezentas libras. Como as respostas demoravam a chegar às mãos de Cauchon, que temia que nada fosse feito pelo rei da França, *Carlos* VII, para resgatá-la em 7 de julho, Cauchon foi para Compiègne, onde manteve conversações sucessivas com Jean de Luxemburgo e o duque de Borgonha. Um pouco depois, o próprio Pierre Cauchon recebeu do tesoureiro geral da Normandia do lado dos ingleses, Pierre Surreau, setecentas e sessenta e cinco libras-tornesas,[86] como pagamento pelos 183 dias "em que ele ficou a serviço do rei, nosso senhor... para guardar Joana, a Donzela".

Pierre Rocolle, que fez um estudo minucioso e bastante completo do que ocorreu naqueles meses,* registra que, em 6 de dezembro, Joana estava em Arras,[87]

86. Libra-tornesa — Antiga moeda de prata que valia pouco mais de sete soldos. Cada soldo correspondia à vigésima parte do franco francês.

* Ver sua obra *Un prisonnier de guerre nommé Jeanne d'Arc*. Paris: Éditions SOS, 1981.

87. Arras — Cidade e Capital do Passo de Calais, Norte da França. É sede episcopal desde o ano 390. Sofreu vários cercos famosos, entre eles o de 1414, quando os Armagnacs a conquistaram ao

onde as dez mil libras-tornezas de seu resgate foram entregues a Jean de Luxemburgo pelo próprio Pierre Surreau. O Reitor da Universidade de Paris havia escrito a Pierre Cauchon em 21 de novembro, manifestando sua impaciência: "Vemos com exacerbado assombro a presença dessa mulher, vulgarmente chamada 'a Donzela', persistir em prejuízo da fé e da jurisdição eclesiástica".

Joana realizou, então, a última de suas cavalgadas, de Arras ao Crotoy, fazendo uma parada no castelo de Lucheux e outra perto da abadia de Saint-Riquier, no castelo de Drugy, onde vieram vê-la dois religiosos dessa abadia, cujo abade havia aderido ao partido anglo-borgonhês.

Pierre Cauchon foi designado, pelo duque de Bedford, como juiz de Joana, ao mesmo tempo em que se tornava o vice-inquisidor da França. Não poderia integrar um tribunal em Beauvais quem fosse submisso ao rei da França, e esse não passou de um artifício grosseiro para que sua legi-

duque de Borgonha. Lá foram assinados três tratados de paz, destacando-se o primeiro, em 04-09-1414, entre João Sem Medo e o duque de Guyenne, eo segundo, em 21-09-1435, entre os Armagnacs e os Borgonheses.

timidade fosse reconhecida: teria sido preciso, para ser válido, que Joana tivesse cometido qualquer delito de heresia no território da diocese de Beauvais. Além do mais, poder-se-ia argumentar que sua prisão ocorrera nesse território... Quanto ao lugar do julgamento, Bedford achava que deveria ser a cidade de Rouen, onde o poderio inglês se instalara solidamente desde 1418. Rouen lhe parecia mais segura que Paris. Joana foi, assim, conduzida, provavelmente de barco, até Saint-Valéry-sur-Somme, e depois, seguindo a antiga via romana, por Arques e Bosc-le-Hard. A escolta que a conduzia alcançou o castelo da Bouvreuil, que dominava a cidade de Rouen, e aí se deteve. É provável que o cortejo ali tenha chegado às vésperas do Natal de 1430.

6. "Toda a luz vem somente para vós"

O processo de Joana aconteceria, portanto, em Rouen, de onde, antes mesmo da chegada da prisioneira, Pierre Cauchon, que pensava em tudo, havia enviado a Domrémy e vizinhanças "um agente para colher informações e documentos sobre sua infância, sua família etc., enfim, todos os documentos de interesse; ele estava, porém, muito enganado quanto a isso porque esse agente, assessorado pelo escrivão Nicolas Bailly, em Chaumont, e um padre, Gérard Petit, visitaram Domrémy, Vaucouleurs e Toul, sem nada conseguir recolher a respeito de *Joana d'Arc*, "a não ser coisas que ele não tivesse gostado de encontrar sobre sua própria irmã". Não existia qualquer fato incriminador.

Assim aconteceu durante todo o desenrolar do processo, quando ninguém pôde proferir a fórmula usual: "acusada, você é suspeita de haver cometido este ou aquele delito". O jurista Pierre Tisset, que preparou a última (em data) e mais completa

edição do processo de condenação de Joana, registrou com ênfase: contra Joana, nenhuma acusação formal; os juízes (Pierre Cauchon esteve ausente à maioria das sessões de interrogatório) e os assessores — seis dentre eles especialmente delegados da Universidade de Paris — contaram unicamente com as respostas da acusada para, com base nas palavras dela, acusá-la de heresia.

A natureza fraudulenta do processo foi clara desde a primeira sessão, em uma quarta-feira, 21 de fevereiro de 1431. Pierre Cauchon pediu a Joana que prestasse juramento e enfatizou: "Nós a proibimos de deixar a prisão que lhe é destinada no castelo de Rouen sem nossa permissão, a menos que esteja convencida do crime de heresia". Joana respondeu com presteza: "Não aceito essa colocação. Se eu escapar, jamais alguém poderá censurar-me de haver transgredido ou violado minha fé".

Essa resposta foi como que colocar repentinamente, o "dedo na ferida", pois Joana passou a ser tratada como prisioneira de guerra, trancada em prisão inglesa e vigiada por carcereiros ingleses. Pierre Cauchon pretendia mover contra ela um processo por crime de heresia, como eram

normalmente os processos da Inquisição. As mulheres intimadas pela Inquisição eram no entanto, encarceradas nas prisões das dioceses e arquidioceses e guardadas por outras mulheres. No processo contra Joana houve, portanto, uma fraude manifesta, e as intenções de Cauchon e dos demais universitários estavam bem definidas: minimizar o fato de as vitórias terem colocado em perigo a ideologia instaurada por eles para dar ênfase à legalidade das duas coroas que ostentaria o rei da Inglaterra, estendendo seu poder não somente sobre seu próprio reino, mas também sobre o que ele acreditava ter conquistado. Os ingleses só deixaram de ostentar o título de "rei da França e da Inglaterra" no início do século XX. Para cúmulo da hipocrisia, Bedford escreveu uma carta em nome de Henrique VI, que contava apenas nove anos, ao rei da França, afirmando, mesmo antes de o processo ser aberto: "É nossa intenção recuperar e reabilitar diante de nós a dita Joana, se se concluir que ela não foi convencida nem atingida por casos de heresia... no que diz respeito à nossa fé". Pode-se afirmar que, se Pierre Cauchon e os universitários parisienses não tivessem alcançado seus objetivos fazendo-a conde-

nar por um tribunal eclesiástico, o rei da Inglaterra pretendia reaver a prisioneira e tratá-la como lhe aprouvesse.

Não havia, portanto, para Joana a menor possibilidade de ser absolvida, e ela o sabia. Joana, entretanto, logo no início dos interrogatórios, pôs em dificuldades o bispo de Beauvais, que a mandou rezar o "pai-nosso". "Atendei-me em confissão, e eu vô-lo rezarei com prazer." O pedido de confissão fez Pierre Cauchon lembrar-se de sua condição de homem da Igreja, de padre que, por seu estado, tinha a obrigação de conferir ao sacramento da penitência a mesma importância que Joana lhe conferia. Podemos dizer que Cauchon entrincheirou-se nas regras dos tribunais da Inquisição e negou o que lhe pedia aquela a quem ele acusava, e que teria sido obrigado a inocentar, se a tivesse ouvido em confissão.

Aberto o processo, as sessões de interrogatório ocorreriam em média duas a três vezes por semana. O porteiro do tribunal, Jean Massieu, vinha buscar Joana na prisão. Eram-lhe, então, tiradas as algemas para ir com ele a uma das salas do castelo onde se reuniam os dois juízes e os assessores, geralmente, uns quarenta. Era composto o júri e, muitas vezes, Cauchon

designava um deles para interrogar Joana. Assim aconteceu com o mestre Jean Beaupère e um outro universitário parisiense, Jean de la Fontaine. As perguntas e as respostas eram, segundo o uso nos processos da Inquisição, registradas por um escrivão. O do processo de Joana chamava-se Guillaume Manchon. Ele ainda vivia quando das sindicâncias do processo de reabilitação e depôs várias vezes: "Durante o processo, disse ele, ela foi molestada com

Joana interrogada por Cauchon (BN, ms. latin 5969).

numerosas e inusitadas perguntas, e os interrogatórios aconteciam quase diariamente, pela manhã, e duravam cerca de três a quatro horas e, muitas vezes, do que havia dito Joana eles extraíam questões difíceis e sutis sobre as quais a interrogavam novamente, depois do almoço, por mais duas ou três horas". Ele acrescenta que, nos primeiros dias, "havia muito barulho na capela do castelo de Rouen, onde o júri se reunia, e quase toda palavra de Joana era interrompida quando ela falava de suas aparições, pois lá estavam alguns secretários do rei da Inglaterra, que registravam como bem entendiam as falas e os depoimentos de Joana, omitindo suas justificativas e o que pudesse ser-lhe favorável. Eu então reclamei disso, dizendo que, a menos que se estabelecesse ordem na sala das sessões, não mais registraria essa matéria. Por esse motivo, no dia seguinte, mudou-se a reunião para uma torre do castelo, perto da 'grande corte'. Lá ficavam dois ingleses de guarda na entrada". Assim não resta dúvida quanto ao caráter político dessa prisioneira de guerra que se pretendia interrogar por acusação de heresia. Guillaume Manchon contou como tentaram arrancar de Joana confissões deturpadas, por exem-

plo, delegando junto a ela um certo Nicolas Loiseleur, que se fazia passar por seu conterrâneo e, mais ainda, partidário de suas idéias. "E o que ela lhe segredava ele arranjava um jeito de passar aos escrivães"; e tudo isso "para encontrar um modo de apanhá-la capciosamente", sem que ela pudesse desconfiar das fraudes de que estava sendo objeto.

A partir de 10 de março, sábado, os interrogatórios passaram a ocorrer freqüentemente na própria cela de Joana, a portas fechadas. Em todas as circunstâncias e quaisquer que tenham sido as condições dos interrogatórios, ela jamais teve um advogado, o que contrariava absolutamente os processos da Inquisição.

É necessária uma leitura completa do processo de condenação para avaliar de modo satisfatório a sanha dos juízes e assessores em tentar fazê-la cair em contradição, e a sabedoria, a serenidade, muitas vezes o humor, que caracterizam as respostas de Joana. Algumas dessas respostas são conhecidas, como aquela famosa sobre o estado de graça:

— Sabeis se estais na graça de Deus? — perguntou-lhe Jean Beaupére.

— Se eu não estiver, que Deus nela me ponha, e se estiver, que Deus nela me guarde. Seria eu a mais triste mulher do mundo se viesse a saber que não estava na graça de Deus; e, se eu estivesse em pecado, creio que a "voz" não viria a mim, e gostaria de que cada um a ouvisse como eu a ouço.

É impossível evocar com mais clareza e simplicidade essa "voz" que a assiste e à qual ela atribui a totalidade de suas ações e gestos. Ora, a questão era desleal, pois, se Joana se dizia certa de estar na graça de Deus, não deixariam de retrucá-la, dizendo-lhe que ela confiava mais em seu próprio julgamento que no da Igreja: aí estava uma questão delicada sobre a qual os inquisidores não deixavam de insistir: sobre as "vozes" que ela reivindicava, não caberia à Igreja decidir se elas procediam, ou não, de Deus? O ponto crucial do interrogatório aconteceu provavelmente no dia em que lhe perguntaram:

— Credes que sois submissa à Igreja de Deus que está na terra, isto é, ao nosso senhor o papa, aos cardeais, aos arcebispos e bispos e aos demais prelados da Igreja?

— Sim, Nosso Senhor primeiro serviu.

— Tendes ordem de vossas "vozes" para não vos submeterdes à Igreja militante que está na terra, nem a seu julgamento?

— Não responderei diferentemente do que tenho na cabeça, mas o que eu respondi veio de minhas "vozes": elas não me mandam outra coisa senão obedecer à Igreja, pois Deus primeiro serviu.

Assim fez ela, da maneira mais simples possível, a distinção entre o que era efetivamente de sua própria conta e o que era por conta das "vozes" às quais se referia para explicar todas as suas ações.

Essas "vozes" evidentemente despertaram muitas suspeitas nos juízes, e eles procuravam fazer Joana esclarecer-lhes a natureza.

— Que fazíeis ontem de manhã quando as "vozes" lhe vieram? — perguntou-lhe Jean Beaupère.

— Eu dormia, e elas me despertaram.

— As "vozes" vos despertaram tocando-vos o braço?

— Fui despertada por elas sem que me tocassem...

— Agradecestes a essas "vozes" e pusestes-vos de joelhos?

— Agradeci a elas assentando-me na cama e ajuntando as mãos... Elas me instruíram para eu responder ousadamente...

Jean Beaupère tentou colocá-la em dificuldades a propósito dessas "vozes":

— Vedes corporal e realmente São Miguel e os anjos?

— Vejo-os tão bem com meus olhos corporais quanto vos vejo...

— E Santa Catarina[88] e Santa Margarida[89] com as quais falais?

88. Santa Catarina de Sena (1347-1380) — Santa italiana, nascida em Siena. Tratou de vítimas da peste, reunindo em torno de si vários discípulos. Com eles, iniciou, em 1370, a gigantesca obra de restauração da paz na Igreja, tendo conseguido persuadir o papa Gregório XI, sétimo papa de Avignon, a regressar a Roma, em 1377. O papa Urbano VI, sucessor de Gregório XI, requisitou-lhe a colaboração na campanha contra o antipapa de Avignon. Morreu em holocausto pela união da Igreja. Deixou cerca de quatrocentas cartas, além do *Diálogo*, tratado místico da vida espiritual, além de vários textos de orações.

89. Santa Margarida — Na época de Joana d'Arc, havia duas santas com esse nome. A primeira (255-275 aproximadamente) era filha de um sacerdote pagão, tendo sido por ele renegada ao abraçar o Cristianismo. Emitiu o voto de castidade, resistindo à corte que lhe fez o prefeito romano Olíbrio, que a mandou decapitar. É padroeira das mulheres grávi-

— Eu vos disse que são Santa Catarina e Santa Margarida, e credes em mim se quiserdes!

E Joana acrescentou:

— Eu preferiria morrer esquartejada atrelada a quatro cavalos a vir à França sem a ordem de Deus.

Jean Beaupère retrucou, imperturbável:

— Como era a figura de São Miguel quando ele vos apareceu?... Estava nu?

— Pensais que Deus não teria como vesti-lo?

— Ele tinha cabelos?

— Por que não os haveria de ter?

Jean Beaupère não tinha senso de ridículo:

— Quando vedes essas "vozes", há luminosidade?

Joana respondeu com ironia:

— Muita. Por todos os lados. É muito instigante. Toda essa luz vem somente para vós.

das. A segunda (1038 aproximadamente-1093) era rainha da Escócia, tendo sido esposa do rei Malcolm III, com quem se casou em 1067. Usou sua influência como rainha para promover reformas eclesiásticas.

Sempre se procurou estabelecer um paralelo entre a fé dos clérigos e dos doutos, que freqüentaram escolas, e a fé popular. Acabamos de ler um excelente diálogo entre clérigos, modelados por uma ideologia, e a fé popular que só busca exprimir-se em sua verdade. Diante desses mestres recobertos de diplomas, convencidos de seu próprio saber e orgulhosos de sua superioridade, para os quais tratava-se menos de uma questão de fé que de doutrina ou de direito canônico, Joana nos oferece o assombroso espetáculo de uma fé inteiramente simples: "aprendi com minha mãe o 'pai-nosso', a 'ave-maria' e 'o credo'".

7. "Jesus!"

É difícil resumir o processo de condenação de *Joana d'Arc*, até porque sua própria forma foi descontínua: intencionalmente, os inquisidores passavam de um assunto a outro, de uma questão a uma pergunta estranha à anterior, a fim de desconcertar a acusada. Os juízes e assessores usaram e abusaram desse recurso, aliás comum, buscando confundi-la. Se eles acreditavam ter domínio sobre aquela simples camponesa obstinada, estavam enganados. Não tardariam em perceber que Joana era de outra estirpe, o que foi confirmado pelo testemunho do próprio escrivão do processo, Guillaume Manchon: "Muitas vezes passavam inesperadamente de um assunto para outro, mudando-se também o método de interrogação. Apesar dessas mudanças, ela respondia com prudência, exibindo uma memória privilegiada, pois muito freqüentemente dizia: 'Já vos respondi antes a respeito disso', ou: 'Refiro-me ao clérigo, que me indicava'...".

Outra testemunha, Pierre Daron, que não acompanhou o processo, mas repre-

sentou o que se pode chamar de "opinião pública", contou: "Ouvi dizer que, no decorrer desse processo, Joana brilhava com suas respostas e possuía uma memória admirável. Até uma vez, quando a interrogavam a propósito de uma questão sobre a qual já havia sido interrogada 8 dias antes, respondeu: 'Já me fizeram essa pergunta tal dia...'. Mesmo tendo alguns afirmado que ela não a havia respondido, outros confirmaram que ela estava dizendo a verdade. Leia-se a resposta daquele dia, e verificar-se-á que Joana estava dizendo a verdade. Ela se divertiu bastante, dizendo a esse Boisguillaume (o clérigo em questão) que, se ele se enganasse outra vez, puxar-lhe-ia as orelhas...". Também um médico, Jean Tiphaine, encarregado de examiná-la, declarou: "Ela respondia muito prudente e sabiamente, com grande ousadia".

Após o "processo de ofício" (fase de instrução), começou, em 26 de março, o "processo ordinário", para o qual Jean d'Estivet, como promotor, redigiu um libelo com setenta quesitos baseados nas respostas de Joana, que prestassem à acusação. Alguns quesitos eram falsos, como o 56, que declarava "ter Joana várias vezes se gabado de ter tido dois conselheiros,

que ela chamava de 'conselheiros da causa', que vieram vê-la após sua prisão"; como o 7: "Joana tinha o freqüente hábito de carregar no peito uma mandrágora,[90] esperando, com isso, vir a possuir riquezas e bens temporais...". Esses quesitos foram lidos para Joana e repelidos energicamente por ela, segundo a ata da sessão. O quesito sobre a mandrágora ela o negou "peremptoriamente". Quanto ao quesito que falava do conselheiro La Fontaine, "ela não sabia de quem se tratava". Por esses quesitos e por outros do mesmo tipo, percebemos qual seria, afinal, o recurso de Pierre Cauchon: a pretendida recusa de submissão à Igreja militante, que se sentiria ultrajada em vê-la vestida de homem — essa vestimenta que, pouco a pouco, iria assumir uma importância totalmente inesperada, mesmo sob a ótica da mentalidade da época, pois, em Vaucouleurs, todos acharam muito natural que, para cavalgar, Joana vestisse roupas masculinas.

Foram completamente silenciadas no processo algumas confidências que Joana

90. Mandrágora — Gênero de plantas solanáceas, de sabor e cheiro desagradáveis, raiz grossa que lembra a forma humana. A essa planta, antigamente, atribuíam-se virtudes mágicas e afrodisíacas.

fez sobre suas ligações com o mundo invisível e, para ela, tão familiar: sua vida mística. Sempre que lhe perguntavam, com maldade, o que suas "vozes" lhe diziam sobre seu destino final, ela respondia: "Santa Catarina me disse que eu serei socorrida; só não sei se isso acontecerá libertando-me da prisão ou se, no momento em que eu estiver sendo julgada, ocorrerá um tumulto durante o qual eu poderei libertar-me. Acredito que será um desses dois casos. Na maioria das vezes, porém, dizem-me minhas 'vozes' que serei libertada com uma grande vitória. Dizem-me ainda: 'Recebe tudo de bom grado, não reclames de teu martírio, tu entrarás, finalmente, no reino dos céus'. É isso o que minhas 'vozes' me dizem; é o que sei, sem medo de errar. Chamo de martírio os sofrimentos e as adversidades que sofro na prisão, e não sei se sofrerei mais ainda, mas entrego tudo nas mãos de Nosso Senhor".

Ou ainda, quando de um interrogatório feito pelo universitário Jean de La Fontaine, cujas respostas revelaram um tom de inabalável esperança:

— Estais segura de que sereis salva? — pergunta o assessor.

— Creio firmemente no que me disseram minhas "vozes", isto é, que serei salva, com tanta certeza como se eu já o estivesse sendo.

— Depois dessa revelação, credes não mais cometer pecado mortal?[91]

— Quanto a isso, nada sei, mas entrego tudo a Deus.

— Essa resposta é de grande peso.

— Eu também a tenho como um grande tesouro.

Jean de La Fontaine, após esse interrogatório, não mais compareceu às sessões do julgamento e deixou Rouen após ter tentado dar conselhos a Joana.

Joana, por iniciativa própria, com grande simplicidade, revelou aos juízes sua oração particular: "Muito bondoso Deus, em honra de Vossa Santa Paixão, eu vos peço, se me amais, que me reveleis como devo responder a essas pessoas da Igreja. Co-

91. Pecado — Transgressão voluntária da Lei de Deus. Pecado mortal (ou pecado grave): ocorre com pleno conhecimento e consentimento de quem o comete, transgredindo uma lei divina ou humana que obriga em matéria grave. Pecado venial (ou pecado leve): ocorre quando quem o pratica transgride a lei em matéria leve ou com imperfeito conhecimento e consentimento.

nheço, aparentemente bem, o preceito como eu o aprendi, mas não sei de que modo me valer dele. Por isso, tende a bondade de me ensinar". Essa prece, o escrivão redigiu-a em francês nos autos[92] do processo literalmente como Joana a proferiu.

O tempo corria. No Domingo de Páscoa, que, nesse ano, foi em primeiro de abril, não deixaram Joana assistir à missa. Durante alguns dias, juízes e assessores redigiram um extrato do libelo feito por d'Estivet, contendo 12 artigos, que seriam remetidos, segundo as normas da Inquisição, a prelados e teólogos, que decidiriam quanto ao conteúdo herético, ou não, das palavras da acusada. O Tribunal agiria de acordo com as respostas recebidas. Os doutores consultados foram, evidentemente, os principais delegados da Universidade de Paris e também dois prelados ingleses, Guillaume Haiton e Richard Prati. Um havia feito parte do grupo de negociadores que haviam preparado o casamento do rei

92. Auto — Narração circunstanciada de qualquer ato ou diligência judiciária ou administrativa, escrita e autenticada pelo respectivo escrivão e testemunhas. No plural, conjunto de todas as peças pertencentes a um processo, como petições, alegações, sentença, etc.; processo.

da Inglaterra, Henrique V, com Catarina de França, filha do rei da França *Carlos* VI; o outro seria o bispo de Chichester até o fim de sua vida: eram, portanto, duas pessoas extremamente envolvidas com os interesses ingleses.

Nesse entretempo, Joana adoeceu. Tudo fez crer em uma espécie de envenenamento sobre o qual vários médicos foram consultados. Dois ainda viviam por ocasião do processo de "reabilitação": Jean Tiphaine, que era o médico particular da duqueza de Bedford, e Guillaume de La Chambre. Joana, atormentada por vômitos, declarava ter passado mal após haver comido uma carpa a ela mandada pelo bispo de Beauvais, versão que enfureceu Jean d'Estivet. Teria havido uma tentativa de envenenamento por parte de Cauchon? Ele estava cansado com a lentidão de um processo cuja causa o comprometia e parecia que ia acabar mal para ele, pois Joana, com toda a boa fé, havia apelado ao papa e declarado que, "tanto faz, por Deus ou pela Igreja", não poderia, em nenhum caso, ser considerada "insubmissa". Teria ele decidido terminar o processo assim? O segredo impera até hoje. Os ingleses ficaram muito alarmados, e Richard Beauchamp,

conde de Warwick, prefeito de Rouen, interveio, pois tinha responsabilidade direta sobre Joana: "O rei a tinha como trunfo. Pagara caro por ela e não queria que ela morresse, a não ser pelas mãos da justiça, e que fosse queimada em fogueira". Ela restabeleceu-se, não só pelos cuidados médicos, como também por sua vigorosa constituição física.

Em 18 de abril seriam iniciadas, nas palavras da Inquisição, as "admoestações caridosas": o acusado recebia a visita de seus juízes que, com palavras amáveis, deviam tentar reconduzi-lo a uma justa visão das verdades de fé.

O próprio Cauchon propusera a Joana promover "uma bela e notável procissão" para ajudá-la a recuperar sentimentos melhores. Ao que Joana respondeu: "Desejo muito que a Igreja e os católicos rezem por mim. Creio firmemente na Igreja aqui da terra (...). Creio firmemente que a Igreja militante não pode errar nem enganar-se (...). Entrego-me inteiramente a Deus, que me fez fazer tudo o que fiz". E quando lhe falaram do papa, ela respondeu: "Levai-me a ele, e eu lhe responderei".

Oito dias depois, ameaçaram-na com torturas. Conduziram-na a uma alta torre

do castelo de Rouen. Decepção para os presentes: "Mesmo se me arrancásseis os membros e me separásseis a alma do corpo, eu nada vos diria. E se eu vos dissesse alguma coisa, depois eu diria que vós me forçastes a fazê-lo".

Um fato que o processo oficial omite, por razões óbvias: o grande jantar oferecido por Warwick, em 13 de maio de 1431, a Pierre Cauchon e a seu inseparável amigo, Jean de Mailly, bispo de Noyon. Temos conhecimento disso através de uma testemunha inconteste: o livro-caixa do mordomo de Richard Beauchamp, que anotava diariamente os nomes dos convidados para refeições no castelo e a relação das compras feitas, discriminando se era almoço, jantar, ou mesmo lanche, chamado *ad potum*, isto é, "para beber", o que ocorria, provavelmente, lá pelas quatro ou cinco horas da tarde. O banquete desse domingo, 13 de maio, foi especialmente preparado. Nele foram servidos, à sobremesa, os primeiros morangos do ano.

Nesse jantar, Warwick deve ter dado ordens a Cauchon para que se apressasse, pois, alguns dias mais tarde, na quinta-feira, 24 de maio, na semana seguinte à Festa de Pentecostes, ele mandou organi-

zar, no cemitério Saint-Ouen de Rouen, toda uma encenação para impressionar a acusada: sob a presidência do cardeal Henri Beaufort, bispo de Winchester e membro da família real, vários prelados e abades das abadias normandas, adeptas das causas inglesa e universitária de Paris, reuniram-se em tribunas construídas para aquele fim, enquanto um deles, Guillaume Érard, dirigia a Joana palavras de exortação. Em resposta, Joana fez um novo apelo ao papa. Sem se embaraçar, ele a obrigou a assinar um documento "abjurando" seus erros. O que conteria tal documento? Jean Massieu, porteiro do tribunal, encarregado de buscar Joana e acompanhá-la para onde quer que a mandassem, estava muito perto dela e o viu. Ele declarou que era uma cartinha de 6 a 7 linhas. Ora, no texto do processo, como foi redigido depois, apareceu uma longa carta (44 linhas no texto em latim) na qual Joana se confessava culpada de toda espécie de erros. O testemunho de Jean Massieu é precioso: "Essa carta foi-me entregue para que eu a lesse para Joana. Lembro-me bem de que, no texto, estava escrito que, daí para a frente, ela não mais usaria armas, nem roupas masculinas, nem cabelos curtos, e muitas ou-

tras coisas mais de que não me lembro. Bem sei que essa carta continha cerca de 8 linhas, não mais. E sei, com absoluta segurança que essa carta não era a mesma do processo. A carta que eu li para Joana, e que ela assinou em cruz, era muito diferente". Houve, evidentemente, substituição dos textos. A história guardou dela apenas três cartas assinadas com seu próprio nome.

Pelo menos nas aparências, o juiz podia considerar-se satisfeito: impressionada com o aparato ameaçador no meio do qual ela estava, Joana havia "frustrado" a maioria dos ingleses presentes, que, sem compreender o jogo de Cauchon, pouco habituados que estavam às sutilezas dos tribunais de Inquisição, viam-na escapar da fogueira.

Joana esperava, após a encenação no cemitério Saint-Ouen, ser transferida para uma prisão da Igreja. O escrivão Guillaume Manchon atestou-o formalmente: "Joana pediu: 'Levai-me, ó pessoas da Igreja, para vossas prisões para que eu saia das mãos desses ingleses'. Ao que Cauchon respondeu: 'Levai-a para onde está presa'. Assim, ela foi reconduzida ao castelo de onde havia vindo".

Eram, mais uma vez, contrariadas as normas dos tribunais de Inquisição, continuando-se a considerar prisioneira de guerra aquela que procuravam acusar de heresia. Cauchon sabia como dirigir o drama: Joana estava realmente "presa" como em uma ratoeira.

Entre os acréscimos feitos à carta de abjuração, estava o de Joana retomar vestes femininas: reconduzida por carcereiros ingleses para a prisão do castelo de Rouen, era de supor que ela não tardaria em retomar vestes masculinas, sua única defesa contra o assédio sempre possível de carcereiros ou de outros homens que entrassem na cela. Ela seria, nesse caso, considerada "relapsa": transgrediria uma renúncia feita. Somente os reincidentes poderiam ser condenados à fogueira, segundo as regras da Inquisição.

Tudo corria como o previsto por Cauchon. Embora a História desconheça as razões, o certo é que Joana retomou as vestes masculinas a partir de 27 de maio. Cauchon foi informado disso e, sem perder um instante, foi, na manhã seguinte, à prisão, acompanhado de alguns assessores: "Nós a interrogamos (isso está registrado no processo) para saber por que ela havia

retomado vestes masculinas: 'Foi por minha própria vontade, e eu as vesti porque as julguei mais apropriadas e convenientes, já que estou entre homens. Eu as retomei porque o que me haviam prometido não foi cumprido, isto é, que eu iria à missa, receberia a Sagrada Comunhão e ficaria liberta dos ferros".

Cauchon lhe perguntou:

— Depois daquela quinta-feira (o dia da sessão de Saint-Ouen), ouvistes as "vozes" de Santa Catarina e Santa Margarida?

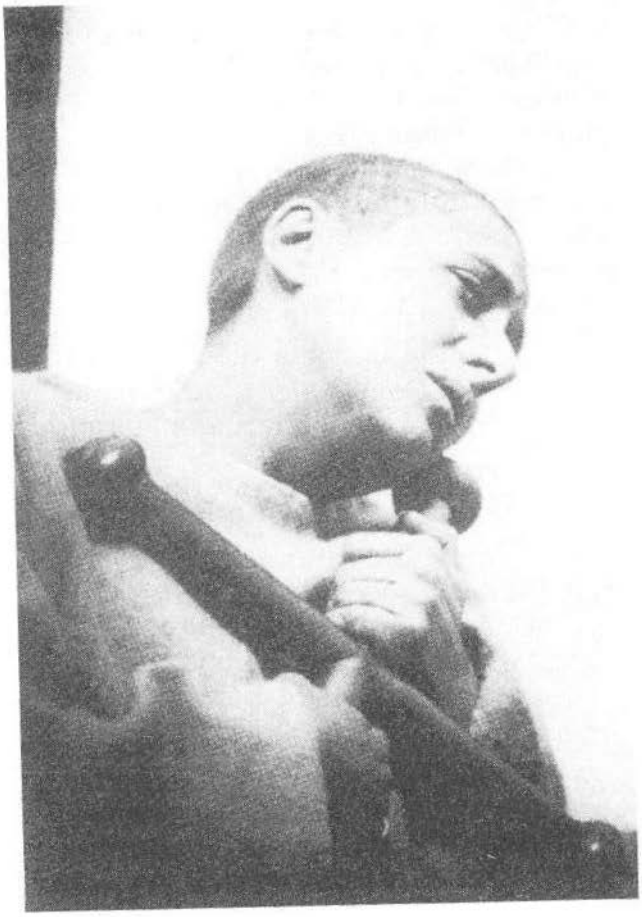
— Sim.

— O que vos disseram?

— Deus disse-me, por intermédio das duas santas, que tinha grande pena pela alta traição que cometi, abjurando-o e rejeitando-o para salvar minha vida, e que eu sofresse atrozmente para salvar minha alma.

Nesta passagem, o escrivão do processo anotou *Responsio mortifera*, isto é, "resposta mortal".

Duas testemunhas atestaram que, ao sair da cela de Joana, Cauchon dirigiu-se alegremente a alguns ingleses, entre os quais o conde de Warwick, que o aguardavam no pátio do castelo: "Pois bem, saiu-se melhor do que eu esperava".



Joana d'Arc vista pelo cineasta Care Theodor Dreyer (*la passion de Jeanne d'Arc* 1928, com Renée Falconetti no papel de Joana).

Estava consumado: Cauchon reuniu os assessores, contando-lhes que Joana havia voltado a usar vestes masculinas, gesto de sua insubmissão à Igreja, e instando-os a deliberarem sobre o procedimento a tomar diante desse ato de desobediência. Entre quarenta e dois, trinta e nove acharam que a carta-compromisso deveria novamente ser lida para Joana. Apenas três declararam que, a partir daquele momento, dever-se-ia abandonar a justiça secular.[93] É desnecessário dizer que Cauchon escolheu essa última sugestão.

Então, no dia seguinte, 30 de maio de 1431, Joana viu entrar em sua cela dois frades dominicanos, encarregados de prepará-la para a morte na fogueira que estava sendo apressadamente preparada na praça do Mercado Velho. Quando Martin Ladvenu, um dos frades, anunciou à pobre moça como seria sua morte, conforme decisão de seus juízes, ela começou a gritar angustiadamente e a puxar e arrancar os cabelos dolorosamente: "Deus meu! Tratam-me tão horrível e cruelmente que só falta meu corpo, inteiramente puro, ser hoje

93. Justiça secular — Justiça civil, em oposição à justiça eclesiástica, à justiça do Tribunal da Inquisição.

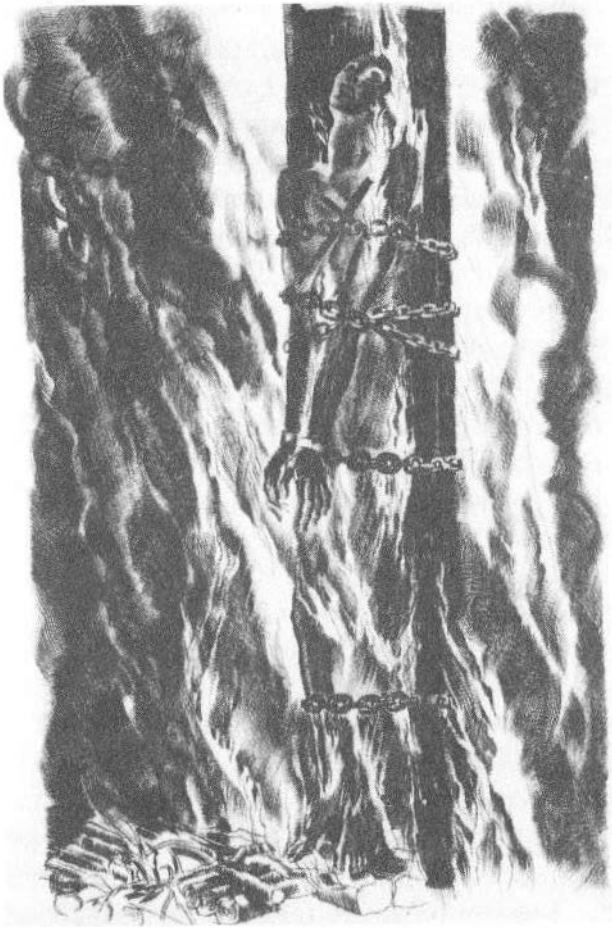
consumido e transformado em cinzas! Ah! Preferiria mil vezes ser decapitada a ser queimada. Meu Deus! Se eu tivesse ficado na prisão da Igreja à qual eu estava submissa e se eu tivesse sido vigiada por pessoas da Igreja, e não por meus inimigos e adversários, eu não teria chegado a uma situação como essa. Ah! eu denuncio, diante de Deus, o grande juiz, as enormes injustiças e arbitrariedades que têm praticado contra mim".

Enquanto Joana se lamentava, Cauchon entrou na cela e ouviu dela estas palavras taxativas: "Bispo, morro por sua culpa. Confirmo isso diante de Deus". Em seguida, confessou-se com Frei Martin Ladvenu e pediu para "comungar", fato que pôs perplexo o frade dominicano: como ministrar a Sagrada Comunhão a uma "excomungada"?[94] Ele consultou o bispo Cauchon, que lhe deu esta surpreendente resposta: "Seja dado a ela o Sacramento da Eucaristia e tudo o mais que ela pedir..."

Joana foi conduzida para o meio da multidão, contida na praça do Mercado Ve-

94. Excomungar — Separar da comunhão/comunicação com os fiéis e a Igreja; privar, por sentença eclesiástica, do uso dos sacramentos e da assistência aos ofícios divinos; anatematizar.

lho pelos soldados, onde a fogueira já estava preparada. Tudo corria em clima de muita pressa, a ponto de Cauchon ter deixado de encaminhar imediatamente a acusada julgada culpada ao tribunal secular, como seria obrigado a fazer, já que a competência do Tribunal da Inquisição limitava-se à sentença, entregando nas "mãos do tribunal secular" o acusado condenado à fogueira. O substituto do juiz de Rouen, presente aos acontecimentos naquela quarta-feira, 30 de maio, lembraria mais tarde: "A sentença foi pronunciada como se Joana estivesse desamparada pela justiça secular. Logo após a sentença, ela foi encaminhada ao juiz e, sem que o juiz ou eu próprio (...) tivéssemos pronunciado qualquer sentença, o carrasco, sem mais nem menos, tomou Joana e a conduziu para o local onde estava preparada a fogueira, e ela foi então queimada". Jean Massieu, sempre ao lado de Joana, relembrou também: "Enquanto Joana rezava e proferia piedosas lamentações, eu fui fortemente pressionado pelos ingleses (...) para fazê-la morrer logo: 'Como é, padre, quer que esperemos pelo jantar aqui?' E imediatamente, sem nenhuma forma ou sinal de julgamento, conduziram-na à fogueira e disseram



Gravura de Albert Decaris ilustrando a peça de Paul Claudel, *Jeanne d'Arc au bûcher* (*Joana d'Arc entre as chamas*)[95] (Paris: Ed. Georges Guillot, 1954).

95. Esta peça, traduzida para o português por Dom Marcos Barbosa O.S.B. e editada pela Agir

ao chefe dos carrascos: 'Faz teu trabalho!' E assim foi levada e amarrada, tendo ela continuado a erguer louvores e lamentações devotas a Deus e aos Santos, e sua última palavra, antes de morrer, ela a externou em altos brados: 'Jesus!'"

Um gesto piedoso a mencionar: "Joana pediu uma cruz. Um inglês fez uma com a madeira de um pedaço de bastão e entregou-a a Joana, que, piedosamente, recebeu-a e a beijou, dirigindo súplicas a Deus Nosso Redentor, que havia morrido em uma cruz da qual aquela pequena cruz era uma representação, e colocou-a no peito, entre o corpo e a roupa". Enquanto isso, Frei Isambart, que havia assistido a várias

em 1956, um ano após a morte do Autor, é um oratório dramático com música de Arthur Honegger, cuja primeira audição ocorreu em seis de maio de 1939 no Teatro Municipal de Orléans. Claudel, de influência simbolista, é, talvez, o maior dramaturgo e poeta católico da França do século XX. L'Annonce faite à Marie (O Anúncio feito a Maria), L'Otage (O Refém) e Le Soulier de Satin (O Sapato de Cetim) são peças dramáticas da maior expressão para o teatro moderno. Nelas, principalmente na última, Claudel resume o desespero do homem sem a graça divina, a falência da cidade sem Deus, a unidade fundamental do gênero humano, a serenidade da alma na oração, enfim, todas as suas inabaláveis convicções religiosas.

sessões do julgamento e, certa vez, tentou aconselhar Joana, foi depressa à igreja de Saint-Laurent buscar um crucifixo, que ele ergueu com a mão direita diante dos olhos dela até a sua morte "a fim de que a cruz, onde Deus havia sido pregado, estivesse diante de seus olhos para todo o sempre". E o frade assim testemunhou os últimos instantes de Joana, chegando com a cruz e segurando-a diante dela até o fim: "Joana, entre as chamas, não parava de clamar pelo nome de Jesus e proclamar seu Santo Nome, implorando e invocando sem cessar a ajuda dos santos e santas do céu. E ainda, o que é mais significativo, inclinando a cabeça e entregando seu espírito, proferiu o nome de Jesus como sinal de que ela estava firme na fé em Deus".

8. Uma criança inocente diante de um chefe triunfante

A frase é de Charlhes Péguy, grande poeta de Joana d'Arc no século XX, autor de *Mystère de la charité de Jeanne d'Arc (Mistério do amor de Joana d'Arc)* e de muitos outros poemas em sua honra.

Quando morreu, "cinco ou seis meses depois de haver completado seus breves dezenove anos", escreve Péguy, sua história estava apenas começando. Imaginem a satisfação, naquela triste tarde do dia 30 de maio de 1431, dos que tanto haviam desejado sua morte, e feito o possível para consegui-la! Em primeiro lugar os ingleses. Depois, o tal de Pedro Cauchon e seus colegas da Universidade de Paris, que tudo fizeram para confundi-la. Viviam momentos de incerteza e hesitação, divididos entre o mal-estar de a terem condenado e o alívio de se terem libertado dessa insuportável camponesa, que tanto atrapalhara suas maquinações políticas. À ideologia da dupla monarquia, por eles inventada, Joana respondera com sua fé simples e clara: não pode ser dando a outro o reino de França, pois já tem rei legítimo. Em lugar de pro-

vocar confusões e discórdias, que estavam levando o reino à perdição, era preciso que os franceses se unissem, recobrassem ânimo e demonstrassem o maior respeito de uns para com os outros, para salvaguardar a liberdade de todos.

Foi a última lição de Joana, que vale para todos os tempos. Sua extraordinária personalidade, se projeta de maneira impressionante sobre toda a história humana. Joana está no começo dos tempos modernos, em que vão surgir as guerras de conquista, os projetos colonizadores e a volta à escravidão. Sua imagem se ergue no limiar de uma Europa em que vão entrar em choque violento as mais demesuradas ambições, bem como os ódios mais radicais, disfarçados de nacionalismo. Sua figura inalterável é a último fulgor de uma Europa em que não se sabia que eram conflitos entre povos, em que a guerra nada tinha a ver com a importância crescente dos embates da idade clássica, em que estavam desaparecendo os costumes feudais, com suas tréguas, arbitragens e compromissos cavalheirescos, para dar lugar a soldados afeitos à pilhagem, a serviço das ambições frenéticas e ilimitadas dos novos poderes político e militar.

Como poderia Joana ter sido compreendida, numa época em que as tentações ideológicas ainda não haviam atingido o paroxismo, nem se tinha sequer a idéia de impor limites ao desprezo dos fracos, das mulheres e de quem não tinham poder? Época em que a força foi considerada fonte de direitos? Época que acreditava poder desprezar e odiar o diferente, simplesmente porque não lhe reproduzia o modelo ideal que tinha em mente?

Hoje, porém é chegado o momento de retomar um a um, todos os traços da vida póstuma de Joana.

No dia seguinte ao da fogueira de Rouen, o conde de Warwick, prefeito da cidade enviou homens para sustentar o cerco de Louviers,[96] há pouco empreendido. Os ingleses não desistiram da retomada das conquistas militares e das questões que favoreciam seu poder; em 16 de dezembro de 1431, eles coroaram o rei da França em Paris, o ainda menino Henrique VI que já recebera em Westminster a coroa da Inglaterra: no percurso do cortejo tradicional

96. Louviers — Cidade do Departamento de Eure, Norte da França, às margens do rio Eure. Tomada pelos Ingleses em 1418 e 1431, foi recapturada por Carlos VII em 1440.

que marcava as cerimônias de sagração de um rei, viu-se, através de um jogo de cordas e roldanas magistralmente manobradas, um anjo descendo do céu para colocar duas coroas na cabeça do jovem soberano. Essa realeza presumida não iria muito longe. Cada novo ataque das forças francesas iria ser marcado por uma vitória. Desde o mês de fevereiro de 1432, o Bastardo de Orléans retomara a cidade de Chartres; depois seria Lagny a escapar dos ingleses, que malograram em uma importante ofensiva que tencionavam desencadear sobre o Mont-Saint-Michel, que havia ficado intacto, por causa de seu isolamento, durante todas as hostilidades.

Nesse entretempo, eram retomadas as negociações entre a França e a Borgonha. Elas se estenderiam até as conferências de Nevers, depois as de Arras, no ano de 1435. E logo depois, em Compiègne, firmava-se um acordo entre a França e a Borgonha o qual seria ratificado em 10 de dezembro do mesmo ano por *Carlos* VII em Tours.

Daí para a frente, a França não mais estaria dividida em duas partes e seria estabelecida "a boa paz firme que dura por longo tempo", como propusera *Joana d'Arc*.

Melhor ainda: no ano seguinte, em 17 de abril de 1436, o Condestável de Richemont entrava em Paris em nome do rei *Carlos* VII, com o qual ele, até ele, se reconciliara. "Antes de 7 anos, os ingleses perderão mais do que têm na França", assegurava Joana por ocasião de seu processo em 1431.

Ocorreu pouco depois, em 1440, a volta de Carlos de Orléans, prisioneiro dos ingleses por 25 anos. Não foi por acaso que, nesse mesmo ano de 1440, a mãe de Joana, Isabel Romée, era convidada pelos orleaneses, em Reconhecimento, a morar na cidade, já que, depois da morte do marido e do filho mais velho, ela se encontrava em dificuldades para manter suas terras e, ameaçada pela miséria. Os livros-caixa da cidade registraram, mês a mês, a pensão que lhe era destinada: uma importância de 48 moedas, quantia apreciável para a época. Pouco depois, Pedro, seu filho, que ganhara do duque Carlos a "Ilha dos Bois", no Loire, viera morar com ela.

Os acontecimentos decisivos, porém, ocorreram mais tarde: em 1449, deu-se a ofensiva do rei sobre a Normandia, que se sublevara, com a entrada solene de *Carlos* VII, em 10 de novembro daquele ano, na

cidade de Rouen, libertada após 30 anos de ocupação. É provável que Carlos VII, uma vez na cidade, tenha mandado trazer à sua presença os registros e demais peças do processo de Joana, que estavam guardados na sede do arcebispado. O certo é que, em 15 de fevereiro de 1450, ele escreveu uma carta a seu conselheiro Guillaume Bouillé, mandando-o proceder a uma investigação para se conhecer com exatidão, por meio das testemunhas ainda vivas, em que condições havia sido conduzido o processo de Joana e como ela havia sido condenada à fogueira. A investigação foi rapidamente concluída e permitiu que fossem interrogados não só os dois dominicanos, Martin de Ladvenu e Isambert de La Pierre, que tinham acompanhado Joana até a fogueira, como também o porteiro do tribunal, Jean Massieu, e até mesmo um dos universitários mais chegados a Cauchon, mestre Jean Beaupère, que várias vezes havia procedido pessoalmente aos interrogatórios; por fim, e talvez o mais importante, o escrivão Guillaume Manchon, funcionário do arcebispado de Rouen, que conhecia cada etapa do processo, já que ele o redigira. É evidente que nada semelhante poderia ter sido feito enquanto Rouen

estivesse sob o domínio inglês. Em 15 de abril desse mesmo ano de 1450, o exército francês obteve, em Formigny, uma vitória importantíssima sobre as tropas do rei Henrique VI, que fizera, no entanto, um grande esforço, a ponto de empenhar as jóias da Coroa, para obter a reconquista com que ele sempre sonhara.

A investigação realizada por Guillaume Bouillé ensejou uma outra, feita pelas autoridades eclesiásticas, sobre o processo de condenação, pois, sendo um processo da Inquisição, tratava-se de um processo da Igreja, conduzido por um tribunal da Igreja e do qual, por princípio, não caberia apelação. Os testemunhos, porém, recolhidos na primeira investigação mostraram muito claramente que a condenação estava eivada de erros manifestos, de dolos e fraudes, como havia declarado o escrivão Guillaume Manchon. A Igreja iniciou, então, no mês de maio de 1452, uma investigação, conduzida por Guillaume d'Estouteville, núncio apostólico[97] na França, e pelo novo inquisidor francês, Jean Bréhal. Este, terminadas as novas pesquisas, a civil e a eclesiástica,

97. Núncio apostólico — Representante diplomático do Vaticano nos países que com ele mantêm relações diplomáticas. É o embaixador do papa.

redigiu um resumo único para ambas. Os principais culpados pela condenação de Joana haviam morrido: Pierre Cauchon em 1442, o promotor Jean d'Estivet em 1438 e Nicolas Midy, que havia dirigido a ela um último sermão na praça do Mercado Velho, mais ou menos na mesma época de Cauchon. No entanto, numerosos antigos assessores do julgamento ainda viviam, e até alguns, como Thomas de Courcelles, persistiam em sua atitude de acusação, alegando oportunas falhas de memória sempre que as perguntas lhe pareciam embaraçosas...

Ao mesmo tempo, uma nova vitória francesa completava as precedentes: a batalha de Castillon, durante a qual morreu, em 17 de julho de 1453, o antigo comandante John Talbot, que, em outros tempos, havia sido feito prisioneiro por Joana na batalha de Patay. A batalha de Castillon finalizava a libertação do país, já que os ingleses deixariam a Guyenne.

Dois anos mais tarde, o novo papa, Calisto III, endereçava à família de *Joana d'Arc* um "documento", autorizando-a a proceder à revisão do processo. Sua mãe, Isabel Romée, ainda viva, deveria apresentar-se, em 7 de setembro de 1455, à Cate-

dral de Notre-Dame de Paris e entregar, pessoalmente o documento ao legado designado pelo papa para rever o processo. Sua petição, tão comovente, foi transcrita na ata da cerimônia: "Tive uma filha, nascida de casamento legítimo, a quem eu fiz ministrar dignamente os Sacramentos do Batismo e da Confirmação, conduzi-a na crença a Deus e no respeito às tradições da Igreja, na medida em que lhe permitiam sua idade e a simplicidade de sua condição, tanto que... ela freqüentava bastante a igreja, fazia jejuns e rezava com grande devoção e fervor pelas necessidades muito grandes em que o povo se encontrava e de quem ela se compadecia de todo o coração; mesmo assim... certos inimigos processaram-na por falta de fé, sem que ajuda alguma tivesse sido prestada em favor de sua inocência, em um processo pérfido, violento e iníquo, sem sombra de direito... condenaram-na de forma abominável e criminosa e fizeram-na morrer muito cruelmente na fogueira".

Esse apelo tão comovente ensejou uma nova investigação, dessa vez mais aprofundada, mais explícita, que deveria conduzir à reabilitação de Joana, ou antes, a uma clara afirmação da nulidade do pro-

cesso que a havia condenado como herética vinte e cinco anos antes. A nulidade do primeiro processo foi declarada solenemente em 7 de julho de 1456 na mesma sala da arquidiocese de Rouen onde Pierre Cauchon e seus cúmplices haviam deliberado condenar Joana. Foram realizadas várias solenidades na praça do Mercado Velho, bem como em outras cidades da França, onde a memória de Joana era reverenciada todo ano, em 8 de maio, aniversário da libertação da cidade. Ainda hoje essa solenidade acontece, marcada por um grande cortejo, do qual se diz que "a metade da cidade vê a outra metade desfilar". Os principais governantes, pelo menos uma vez, vêm assistir à comemoração da libertação da cidade por Joana, a Donzela.

O verdadeiro processo a que Joana foi submetida é o processo de reabilitação, assim chamado o conjunto de pesquisas, então o processo propriamente dito, no decorrer do qual 115 testemunhas foram interrogadas, algumas várias vezes: todos os que conheceram Joana, desde os camponeses de Domrémy, que um tribunal delegado foi ouvir na própria localidade, até os assistentes de acusação ainda vivos e as testemunhas de seu martírio na fogueira

em Rouen. Documento ímpar no qual, cada um por sua vez, fizeram-se ouvir príncipes de sangue, como o duque de Alençon e o Bastardo de Orléans, conde de Dunois; conselheiros do rei, como Simon Charles e Raoul de Gaucourt; burgueses e burguesas de Orléans, testemunhas de sua vitória; soldados que lutaram a seu lado, como Gobert Thibault; e muitas outras pessoas, sem esquecer os que a acompanharam em sua primeira cavalgada, cheia de incertezas, de Vaucouleurs a Chinon, Jean de Metz e Bertrand de Poulengy. Assim, pouco a pouco, cada um acrescentou sua contribuição pessoal para o incomparável retrato de Joana tal qual a viram os que viveram a seu lado. E esse retrato espelhava fielmente Joana do modo como ela se exprimiu em suas sublimes respostas durante o processo de condenação. É desse processo de reabilitação que foram extraídas numerosas citações utilizadas na presente obra e que nos permite ter, assim, um contato direto com os que com ela conviveram. Acrescentemos que — como Pierre Duparc, seu último editor, observou — esse segundo processo dever-se-ia chamar "processo de anulação da condenação", pois ele não trata apenas de reabilitar Joana, nem de

torná-la uma santa iluminada, mas, acima disso, de saber se ela foi, verdadeiramente, herética e merecia ser condenada como tal.

A um outro processo, o de canonização, estava reservada a honra de elevar Joana aos altares e reconhecer-lhe a santidade. Esse processo, porém, foi muito mais lento: aberto em 1869, sob a iniciativa de Monsenhor Dupanloup, então bispo de Orléans, e só iria terminar em 1920. É de surpreender tal demora? Durante quatrocentos anos, a santidade de Joana só seria reconhecida em Orléans?

Isso mesmo. Durante quatro séculos Joana compartilhou de mesmo desprezo com que o mundo, a começar pela universidade, tratava os tempos "góticos", termo considerado então pejorativo. Desde o fim do século XV, mas sobretudo nos séculos XVI, XVII e XVIII ignora-se completamente a Idade Média. Excetuam-se apenas alguns beneditinos, especialmente da Congregação de Santo Amaro, os grandes ruditos maurinos. A regra é esquecer o passado. Nas escolhas ensina-se que François Villon, que viveu no século XV, foi "o mais antigo poeta francês"! Ora, Joana faz parte da Idade Média, época considerada de ignorância e de trevas, que felizmente haviam ces-

sado com o Renascimento. Inútil perder tempo em discutir o que havia de irracional e de anticientífico em tal concepção. O gosto pela antiguidade fora tão exaltado, que só se considerava belo o que provinha dos gregos e dos romanos, ou que os imitava.

Contudo, a lembrança dos feitos de Joana mantinha-se na memória popular coletiva. Mas a literatura que suscitava, como *la Pucelle ou la France délivrée* (*A donzela ou a França libertada*) de Chapelain, no século XVII, ou *La Pucelle* (A donzela) de Voltaire no século XVIII, não tem mais hoje nenhum valor. São obras completamente ultrapassadas, distantes da história, cheias das convenções e dos preconceitos da época em que foram escritas, sem mais nenhum interesse.

Acrescentemos, além disso, para minimizar a culpa dos que viveram naqueles tempos, que os processos e crônicas da época, documentos essenciais para se conhecer Joana, só podiam ser lidos em manuscritos, o que supunha que se conhecesse latim e, mais ainda, que se pudesse decifrar a escrita do século XV. O trabalho de publicação desses inestimáveis documentos somente foi empreendido no sécu-

lo XIX. Mais exatamente, foi entre 1841 e 1849 que um erudito, Jules Quicherat — em seguida nomeado diretor da Escola de Chartres, fundada no reinado de *Carlos* X justamente para estudar os documentos dos arquivos que versassem sobre acontecimentos do feudalismo e do medievalismo — publicou integralmente os dois processos, e também um certo número de documentos complementares: cartas particulares e públicas e memórias da época — magnífica obra em cinco volumes, que permitiu o conhecimento de Joana, não somente através dos fatos que ela desencadeou, mas também dos relativos à sua própria pessoa.

Um pouco depois, em 1868, outro erudito, Eugène O'Reilly, publicava nova edição dos dois processos. Foi essa publicação, sem dúvida, a determinante para a tomada de decisão de Monsenhor Dupanloup de reunir, por ocasião dos festejos da Donzela em 1869, um certo número de bispos para lhes pedir assinatura em um documento que seria enviado ao papa Pio IX, pedindo-lhe a abertura do processo de canonização de *Joana d'Arc*. Depois disso, alguns acontecimentos, como a guerra de

1870,[98] retardaram as diversas etapas da canonização. Afinal, Joana, à vista das pesquisas feitas a seu respeito e que a Imprensa do Vaticano publicou a partir de 1894 (elas constituem um conjunto de 17 volumes *in quarto*!),[99] foi declarada venerável![100] e depois beatificada na Basílica de São Pedro, em Roma, em 18 de abril de 1909. Com novo atraso, provocado pela terrível guerra de 1914-1919,[101] Joana foi, finalmente, canonizada solenemente em Roma em 16 de maio de 1920.

Durante esse tempo, sua popularidade atingiu um grau extraordinário, a ponto de quase todos os partidos políticos da França quererem reivindicar para si a pa-

98. Guerra de 1870 — Guerra franco-prussiana.

99. In quarto (Em quarto) — Aquele livro cuja folha é dobrada em quatro partes, perfazendo, portanto, oito páginas.

100. Venerável — Que tem santidade e merece culto pela piedade e virtudes cristãs, mas que ainda não foi canonizado.

101. 1914-1919 — Primeira Grande Guerra. Com um amplo teatro de operações, utilizou milhões de soldados e envolveu, de um lado, Áustria (Império Austro-Húngaro), Alemanha, Turquia e Bulgária; de outro, vinte e quatro países, entre eles os Estados Unidos. As negociações de Paz aconteceram em Versailles-França entre maio e julho de 1919.

ternidade de sua canonização. Mas, acima das explorações político-partidárias, o que se deve admirar é que Joana tomou-se uma santa universal: santa por excelência da libertação total, ela atesta para todos, sejam leigos, religiosos ou religiosas, que a resposta à ação divina deve ser esperada, e que essa resposta pode ocorrer nas mais diversas circunstâncias, quer na guerra, quer na paz. Joana é aquela que correspondeu, exata, total, e absolutamente, aos apelos que Deus lhe fez por intermédio das santas, que ela reconheceu como Santa Catarina e Santa Margarida, e do arcanjo São Miguel. Convidada a uma vocação extraordinária, paradoxal até, sua resposta sempre foi o "sim", igual ao de Maria ao Anjo na Anunciação, que lhe permitiu estar sempre presente, levando, no próprio âmago da ação guerreira, o espírito de caridade, a ponto de fazê-la chorar pela alma de seus inimigos, como aconteceu com o capitão Gasdale.

"Depois da Santa Virgem Maria, a moça mais santa", nas palavras de Charles Péguy.

Referências bibliográficas

DUPARC, Pierre. *Procès en nullité de la condamnation de Jeanne d'Arc*. 3v. Paris: Klincksieck, 1977-83.

PERNOUD, Régine e CLIN, Marie-Véronique. *Jeanne d'Arc*. Paris: Fayard, 1986. (Em formato de bolso, Paris: Pluriel, 1989.) (Encontram-se aqui a documentação e a bilbliografia das principais obras escritas sobre Joana d'Arc.)

TISSET, P. e LANHERS, Y. *Procès de condamnation de Jeanne d'Arc*. 3 v. Paris: Société de l'Histoire de France, Klincksieck, 1960-71.

Índice

Prefácio 5

1. "Em minha terra, chamavam-me Joaninha" 11

2. "Quando vim para a França, passaram a chamar-me Joana" 25

3. "Levem-me a Orléans, e eu lhes mostrarei o sinal pelo qual fui enviada" 53

4. "Você será o lugar-tenente do rei dos céus, que é o rei da França" 83

5. Um ano, pouco mais 99

6. "Toda a luz vem somente para vós" 125

7. "Jesus!" 137

8. "Uma criança inocente diante de um chefe triunfante" 157

Referências bibliográficas 173